

JOEL PEREIRA GONÇALVES



Estádio de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 21 de Dezembro de 2012

JOEL PEREIRA GONÇALVES

Estádio de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 21 de Dezembro de 2012

JOEL PEREIRA GONÇALVES

Estádio de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Joel Pereira Gonçalves

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, Orientada pelo Professor Doutor José Soares Martins, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestrado em Psicologia do Trabalho e das Organizações.

RESUMO

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido é o sentimento de identidade, mais o indivíduo, valoriza o modo em que é parecido, ou diferente, dos demais e mais claramente reconhece as suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita do apoio e das opiniões externas para se avaliar e compreender, menos as pessoas como distintas.

O objetivo da presente investigação é estudar os estádios de desenvolvimento da pré adolescência e do adolescente, a identidade, a questão pedagógica na escolinha de futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as organizações desportivas.

Desenho e método: A metodologia é quantitativa, designada por observacional, sendo um estudo transversal e comparativo.

Instrumentos: Deltas identity status inventory- occupation (DISI), de Márcia, 1964; Questionário sobre desenvolvimento psicossocial, integração e acolhimento, de Martins e Gonçalves, 2012; AIQ-IV, de Cheek, Smith e Troop, 2002.

Resultados: Anova Deltas e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos); Analisando o desvio-padrão verificamos que, (DP=8.899), referente á escala de RDI (realização de identidade), constitui-se como o valor mais elevado, contrariamente a (DP=1.528), referente á escala de difusão de identidade, como sendo o valor mais baixo. Não existem valores significativos para os vários itens desta escala (cf. Tabela 6).

Conclusão: Um clube de futebol produz a identidade dos seus membros a partir da associação. De acordo com as práticas que se produzem dentro do clube, desenvolvidas segundo as suas tradições, mesmo que de algum modo inventadas, ou manufaturadas, a expressão do corpo compreende-se de modo a significar algo para alguém, geralmente o outro, o qual quer distanciar-se, ou fomentar o conflito de reciprocidade (Neto, 2009).

Palavras-chaves: Desenvolvimento Psicossocial, Integração, Identidade, Pedagogia, Acolhimento, Organizações Desportivas.

ABSTRACT

Kimmel and Weiner (1998) states that the more developed is the sense of identity, the more the individual, emphasizes the way that is similar to, or different from others and more clearly recognize their limitations and abilities. The less developed is the identity, the more the individual needs the support and external reviews to evaluate and understand, the less people as distinct.

The goal of this research is to study the developmental stages of pre teens and teenagers, the identity, the pedagogical question in soccer school, integration and hosting of resident and non-resident players in Dragon House and sports organizations.

Design and method: The methodology is quantitative, called observational, and a cross-sectional and comparative.

Instruments: Dellas identity inventory-status occupation (DISI), Marcia, 1964; Questionnaire on psychosocial development, integration and acceptance, and Martins Gonçalves, 2012; AIQ-IV, Cheek, Troop and Smith, 2002.

Results: Anova Dellas and the number of years of service to the club (1 to 3anos; 4 to 6 years and 7 years and over); Analysis found that the standard deviation (SD=8899), referring will scale RDI (identity achievement), was established as the highest value, contrary to (SD=1,528), referent will scale identity diffusion, as the lowest value. There are significant values for the various items of the scale.

Conclusion: A football club produces the identity of its members from the association. According to the practices that take place within the club, developed according to their traditions, even if they somehow invented or manufactured, the expression of the body is understood to mean something to someone, usually another, which wants distance themselves, or foster conflict of reciprocity (Neto, 2009).

Keywords: Psychosocial Development, Integration, Identity, Education, Hospitality, Sport Organisations.

Identidade

**Preciso ser um outro
para ser eu mesmo**

**Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta**

Sou pólen sem inseto

**Sou areia sustentando
o sexo das árvores**

**Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro**

No mundo que combato morro

No mundo por que luto nasço

De Mia Couto



AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador da Universidade Fernando Pessoa, Professor Doutor José Soares Martins, pelo seu profissionalismo, conhecimento e sentido de orientação.

Ao meu supervisor no local de estágio, Doutor Ângelo Santos (diretor pedagógico da Casa do Dragão), pela sua inequívoca cooperação e contribuição desde o primeiro até ao último dia de estágio.

À Doutora Teresa Cardoso pelo apoio e força que me deram.

À professora Doutora Maria do Céu Taveira pela sua disponibilidade e simpatia no fornecimento de um instrumento para o estudo.

Ao professor Doutor Miguel Cameira pela sua disponibilidade e simpatia no fornecimento de um instrumento para o estudo.

Aos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão pela sua colaboração e prestabilidade na cooperação com o estudo realizado.

ÍNDICE GERAL

Introdução Geral

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CAPÍTULO I – Estádios de Desenvolvimento da pré-adolescência e do adolescente

1.1. Introdução	1
1.2. Estádios de Desenvolvimento da pré-adolescência ao adolescente (dos 11 anos aos 18 anos)	3
1.3. Aspetos biopsicossociais do adolescente.....	7
1.3.1. Período das operações formais (12 anos aos 21 anos).....	7
1.4. Conclusão	10

CAPÍTULO II – Identidade

2.1. Introdução	12
2.2. Identidade	12
2.3. A perda de identidade.....	16
2.4. Conclusão	19

CAPÍTULO III – A questão pedagógica na escolinha de futebol

3.1. Introdução	20
3.2. A pedagogia do desporto	21
3.3. A pedagogia do desporto em Portugal.....	22
3.4. A questão pedagógica na escolinha de futebol.....	25
3.5. Conclusão	27

CAPÍTULO IV - A Integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes

4.1. Introdução	29
4.2. Integração	30
4.3. O acolhimento dos jogadores residentes e não residentes.....	31
4.3.1 Acolhimento.....	31
4.4. Conclusão	33

CAPÍTULO V – Organizações Desportivas

5.1. Introdução	34
5.2. Organização	35
5.3. Organização Desportiva.....	37
5.4. O Futebol Clube do Porto	38
5.4. Conclusão	43

PARTE II – CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO VI – Método

6.1. Introdução	45
6.2. Justificação do estudo.....	45
6.3. Objetivo	45
6.4. Hipóteses	46
6.5. Variáveis	48
6.5.1. Variáveis Dependentes	48
6.5.2. Variáveis Independentes.....	48

6.6. Método	48
6.6.1. Caracterização dos participantes.....	49
6.6.2. Caracterização dos instrumentos.....	50
6.6.2.1. Dellas identity status inventory- occupation (DISI).....	50
6.6.2.2. Questionário sobre desenvolvimento psicossocial, integração e acolhimento.....	50
6.6.2.3. AIQ-IV.....	51
6.7. Procedimento	51

CAPÍTULO VII – Apresentação dos Resultados

7.1. Análise Diferencial	53
7.2. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos);	56
7.3. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores);	59
7.4. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e á idade (12 aos 13 anos, 14 aos 15 anos, 16 aos 17 anos e 17 aos 19 anos);	62

CAPÍTULO VIII – Discussão dos Resultados

Conclusão Geral	77
Referências Bibliográficas.....	80
Anexos	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos participantes	49
Tabela 2: Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao AIQ-IV (PI, RI, CI, SP).....	53
Tabela 3: Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao QDP (EA, EI, ES e IS).....	54
Tabela 4: Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao Dellas (RDI, IEM, ADI e Total).....	55
Tabela 5: Anova AIQ-IV e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos).....	56
Tabela 6: Anova QDP e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos).....	57
Tabela 7: Anova Dellas e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos).....	58
Tabela 8: Anova AIQ-IV e o escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores).....	59
Tabela 9: Anova QDP- escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores).....	60
Tabela 10: Anova Dellas- escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores).....	61
Tabela 11: Anova AIQ-IV- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos).....	62
Tabela 12: Anova QDP- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos).....	63
Tabela 13: Anova Dellas- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos).....	64

Introdução Geral

O presente estudo debruça-se sobre a temática dos estádios de desenvolvimento da pré-adolescência e do adolescente, sobre a identidade, a questão pedagógica na escolinha de futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão (Futebol Clube do Porto), e as organizações desportivas.

Falar destas temáticas requer uma análise minuciosa, da vida do jovem futebolista e da organização em si. Uma adequada integração, um acolhimento que lhes permita sentirem-se bem, são traves mestras para que o jovem adolescente consiga triunfar no panorama desportivo e no escolar. Numa organização em que os parâmetros de excelência são bastantes elevados, averiguar como o jovem futebolista se desenvolve psicossocialmente, passa por um dos objetivos deste estudo. Pertencer a um determinado grupo, revela em parte a questão da identidade social que muito se tem estudado. Estes jovens aos quais o nosso estudo fez referência, identificam-se com a cultura do Futebol Clube do Porto, e constroem a sua identidade social com base nos parâmetros desportivos. O sucesso, a vontade de vencer, a ambição, são características evidenciadas na personalidade dos jovens futebolistas do Futebol Clube do Porto.

Dada a escassez de estudos na área da integração desportiva, da identidade desportiva, este estudo pretende colmatar em parte, essa lacuna evidenciada pela área da psicologia do desporto. A forma como a integração dos jovens futebolistas é efetuada no Futebol Clube do Porto, através do seu departamento pedagógico, pode funcionar como exemplo para os restantes agentes desportivos.

A revisão bibliográfica divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo abordaremos os estádios de desenvolvimento da pré-adolescência ao adolescente e os aspetos bio-psico-sociais do adolescente. No segundo capítulo falaremos da identidade e da perda da identidade. No terceiro capítulo abordaremos a questão pedagógica na escolinha de futebol. No quarto capítulo falaremos da integração, do acolhimento de jovens e do acolhimento familiar versus o acolhimento institucional. Por ultimo, no quinto capítulo abordaremos as organizações, as organizações desportivas, a cultura e clima organizacional e o Futebol Clube do Porto.

PARTE I

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Capítulo I: Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente

1.1. Introdução

O desenvolvimento humano na criança e no adolescente dos 11 aos 18 anos prima-se por mudanças ao nível cognitivo, físico, neurológico e da linguagem.

Na faixa etária dos 11 aos 12 anos (período das operações concretas), as características desta fase desenvolvimental pautam-se pelo desenvolvimento do pensamento lógico, pela compreensão das relações entre as coisas e a capacidade para classificar objetos. A superação do egocentrismo da linguagem, o surgimento das noções de conservação de substância, peso e volume.

Dos 12 anos em diante, ou seja o período das operações formais, caracteriza-se pelas teorias abstratas, para formar e entender conceitos abstratos, como conceitos de amor, justiça e democracia, o indivíduo passa do pensamento abstrato ao hipotético-dedutivo, isto é, o indivíduo torna-se capaz de chegar a conclusões a partir das hipóteses (Piaget, 1972; Papalia, Olds, & Feldeman, 2009).

O adolescente vai adquirir uma identidade psicossocial, ou seja compreende a sua singularidade, o seu papel no mundo, experimenta uma série de desafios, amores, a sua interação com o grupo de pares, a busca de uma carreira e da profissionalização.

Neste estágio, os indivíduos possuem novas potencialidades cognitivas, exploram e ensaiam estatutos e papéis sociais, devido á sociedade fornecer este espaço de experimentação ao adolescente.

Neste capítulo abordar-se-á a puberdade e a adolescência, e os aspetos biopsicossociais do adolescente.

A adolescência, como algo que se constrói socialmente, com um paradigma algo conturbado, pois a adolescência é uma fase onde sucedem várias crises de identidade.

1.2. Estádios de Desenvolvimento da Pré-Adolescência ao Adolescente (dos 11 anos aos 18 anos)

Neste ponto abordaremos o desenvolvimento físico; neurológico; cognitivo; da linguagem; social, do eu, do género e da identidade e desenvolvimento moral nas

seguintes faixas etárias (11 anos; 12 aos 15 anos e dos 16 anos aos 18 anos) (Papalia et al., 2009).

Começamos a abordar a faixa etária dos 11 anos em que o desenvolvimento neurológico: a eliminação das sinapses desnecessárias continua a ser feita. O desenvolvimento cognitivo exprime-se na capacidade para analisar múltiplas perspectivas e estratégias de memória (Papalia et al., 2009).

O Desenvolvimento da linguagem processa-se da seguinte forma, a compreensão da sintaxe é mais complexa. O ato de falar sozinho (solilóquio) diminui; o principal crescimento, verifica-se com as habilidades pragmáticas (Papalia et al., 2009).

No desenvolvimento social, os pais e a criança compartilham a regularização da conduta. Os conflitos entre irmãos surgem nesta faixa etária, ajudam as crianças a encontrarem uma solução para resolverem os seus conflitos e as amizades tornam-se mais íntimas. Quanto ao desenvolvimento do eu, do género e da identidade: a imagem corporal torna-se importante, a autoestima diminui (Papalia et al., 2009).

O desenvolvimento moral caracteriza-se por um aprofundar do senso de justiça, a criança quer ser “boa” e manter a ordem social (Papalia et al., 2009).

No estágio desenvolvimental entre os 12 e os 15 anos, verifica-se que o desenvolvimento físico nos adolescentes se caracteriza pela entrada na puberdade. No desenvolvimento neurológico verifica-se que os lobos frontais ainda não estão completamente desenvolvidos; o processamento da informação pode acontecer nas áreas do lobo temporal relacionadas com as reações emocionais e instintivas. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, o adolescente pode atingir o estágio das operações formais: uso de abstrações e de raciocínio hipotético-dedutivo; a dimensão da memória estende-se para seis dígitos. Quanto ao desenvolvimento da linguagem, esta continua a ser a das habilidades pragmáticas. A gíria utilizada pelo adolescente como uma forma de linguagem e integra-se no desenvolvimento da sua identidade (Papalia et al., 2009).

Em relação ao desenvolvimento emocional, são frequentes neste estágio as oscilações de humor (embaraço, autoconsciência, solidão e depressão) (Papalia et al., 2009).

O desenvolvimento do eu, do género e da identidade: a identidade é uma questão central; e classifica-se em identidade sexual tornando-se numa preocupação básica. Em relação ao raciocínio moral verifica-se uma crescente consciência de equidade e criação de regras de cooperação (Papalia et al., 2009).

No estádio entre os 16 e os 18 anos, verifica-se que após a puberdade, o sistema circadiano e os ritmos biológicos se alteram, afetando os ciclos para dormir e para acordar. Os Adolescentes alcançam quase a altura total. De acordo com o desenvolvimento neurológico verificam-se que as conexões entre as células corticais melhoram. As partes do córtex que controlam a atenção e a memória estão quase maleinizados (Papalia et al., 2009).

O desenvolvimento cognitivo caracteriza-se pelo aumento da utilização do raciocínio hipotético-dedutivo, a base do conhecimento continua a crescer. Nesta fase verifica-se um aumento da capacidade do processamento de informação, na quantidade de conhecimentos na memória a longo prazo aumenta, como a memória de trabalho; Verifica-se o progresso na aprendizagem, na memória e no raciocínio. O pensamento abstrato melhora, esta fase caracteriza-se pela fábula pessoal, pela utilização do conhecimento declarativo, pelo conhecimento de procedimento e pelo conhecimento conceitual (Papalia et al., 2009).

Podemos abordar ainda alguns aspetos relacionados com a maturação cognitiva, o estágio das operações formais de Piaget os indivíduos envolvem-se com o raciocínio hipotético-dedutivo. Os adolescentes pensam em termos de possibilidades, lidam com uma certa flexibilidade com os problemas e testam as hipóteses. Nem todos os adolescentes se tornam capazes de realizar operações formais, e aqueles que são capazes, nem sempre as usam (Papalia et al., 2009).

Piaget afirmou que o estágio das operações formais não tem em conta a acumulação do conhecimento e a especialidade, os ganhos no processamento de informações e o crescimento da metacognição. Piaget deu pouca importância às diferenças individuais, às variações entre tarefas e ao papel da situação (Papalia et al., 2009).

Os padrões de pensamento imaturo resultam da inexperiência dos adolescentes com o pensamento formal. Esses padrões de pensamento incluem o idealismo, o espírito crítico, a tendência á contestação, a indecisão, a hipocrisia aparente, a autoconsciência e invulnerabilidade (Papalia et al., 2009).

Quanto ao desenvolvimento da linguagem verifica-se que, o adolescente compreende 80.000 palavras. Os adolescentes apreciam o jogo de palavras e criam o seu próprio dialeto (Papalia et al., 2009).

O desenvolvimento emocional nesta fase, caracteriza-se por uma menor oscilação do humor; expressa melhor as suas próprias emoções e entende melhor os sentimentos dos outros (Papalia et al., 2009).

O desenvolvimento social: caracteriza-se pelo aumento da independência; a relação entre os irmãos torna-se constante, menos intensa e menos próxima; as amizades tornam-se mais íntimas, e pode transformar-se em relações românticas (Papalia et al., 2009).

O Desenvolvimento do Eu, do Género e da Identidade: nesta fase a maioria dos adolescentes já teve alguma atividade sexual (Papalia et al., 2009).

O Desenvolvimento moral: o relativismo tem um importante papel moral nesta fase. De acordo com Kolberg (1966, cit. in Papalia et al., 2009), o raciocínio moral tem como base um senso de justiça.

Kohlberg (1966, cit. in Papalia et al., 2009) afirmou que o desenvolvimento moral progride do controle externo dos padrões sociais internalizados para os códigos morais fundamentados em princípios, esta teoria foi contestada e criticada por outros autores, em diversos aspetos, tais como, a falta de crédito aos papéis da emoção, da socialização e da orientação dos pais.

Gilligan (1987, cit. in Papalia et al., 2009), propôs uma teoria alternativa do desenvolvimento moral com base mais numa ética do cuidado do que na justiça.

1.3. Aspetos Biopsicossociais do Adolescente

1.3.1. Período das operações formais (12 anos aos 21 anos)

Corresponde ao período da adolescência, que significa crescer ou desenvolver-se até á maturidade.

Durante muitos séculos, o termo adolescência foi definido exclusivamente, em função dos seus aspetos biológicos (Adolescência e Puberdade). Entretanto, a adolescência deixou de ser um conceito puramente biológico e passou a ter uma conotação psicossocial.

Munuss (1971, cit. in Papalia et al., 2009) define adolescência em termos sociológicos, psicológicos e cronológicos. Cronologicamente, a adolescência, nas culturas ocidentais, é o período da vida humana que vai dos doze, ou treze anos até mais ou menos aos vinte dois ou vinte e quatro anos de idade, admitindo-se consideráveis variações.

Sociologicamente, a adolescência seria o período de transição, em que o indivíduo passa de um estado de dependência (do seu mundo maior), para uma condição de autonomia e, sobretudo, em que o indivíduo começa a assumir determinadas funções e responsabilidades, características do mundo adulto (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

Do ponto de vista psicológico, a adolescência é o período crítico de definição da identidade, do eu, cujas repercussões podem ter graves consequências para o indivíduo e para a sociedade (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A puberdade é o estágio evolutivo, em que o indivíduo alcança a sua maturidade sexual. A data exata em que ocorre o amadurecimento sexual do ser humano diz Munuss (1971, cit. in Papalia et al., 2009), varia de acordo com fatores de ordem socioeconómica e geográfica.

A maturidade sexual tende a ocorrer mais cedo em indivíduos que vivem em climas temperados e que pertencem a classes sociais mais elevadas (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A Puberdade caracteriza-se pelo período, também chamado de pré-adolescência, em que as mudanças biológicas e fisiológicas associadas à maturação sexual decorrem, e as funções reprodutoras amadurecem; é filogenético porque inclui o aparecimento de características sexuais secundárias e a maturidade dos órgãos sexuais primários. Estas mudanças ocorrem num período de aproximadamente dois anos (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A Adolescência é um conceito mais amplo e inclui mudanças consideráveis nas estruturas da personalidade e nas funções que o indivíduo exerce na sociedade (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A Adolescência representa uma fase crítica no processo evolutivo, em que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos, sejam eles de ordem pessoal ou de ordem social. Entre estes ajustamentos, temos a luta pela independência financeira e emocional, a escolha de uma vocação e a própria identidade sexual (Papalia et al., 2009).

Como conceito psicossocial, a adolescência não está necessariamente limitada aos fatores cronológicos. Em determinadas sociedades primitivas, a adolescência é bastante curta e termina com os ritos de passagem em que os indivíduos, principalmente os de sexo masculino, são admitidos no mundo adulto. Nas culturas ocidentais, a adolescência prolonga-se por mais tempo (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

Munuss (1971) fala-nos sobre o término da adolescência (em termos de idade cronológica) à luz do contexto sócio-cultural do indivíduo.

Do ponto de vista de um conceito psicossocial da adolescência, para Hurlock (1975), é um período de transição na vida humana. O adolescente não é mais criança, porém, ainda não é adulto. Esta condição ambígua tende a gerar uma certa confusão na mente do adolescente, que não sabe exatamente qual o papel que tem na sociedade. Esta confusão começa a desaparecer na medida em que o adolescente define a sua identidade psicológica. A adolescência é, também, um período de mudanças significativas na vida humana (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

Hurlock (1975) fala de quatro mudanças de profunda repercussão nessa fase. A primeira delas é a elevação do tônus emocional, cuja intensidade depende da rapidez com que as mudanças físicas e psicológicas ocorrem na experiência do indivíduo.

A segunda mudança significativa dessa fase da vida é decorrente do amadurecimento sexual que ocorre quando o adolescente se encontra inseguro com relação a si mesmo, as suas habilidades e os seus interesses (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

O adolescente experimenta nesta fase da vida o sentimento de instabilidade, especialmente em face do tratamento muito ambíguo que recebe do seu mundo exterior (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

Em terceiro lugar, as mudanças que ocorrem no seu corpo, nos seus interesses e nas suas funções sociais, criam problemas para o adolescente porque, muitas vezes, ele não sabe o que o grupo espera dele (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

O adolescente está em busca de algo, que lhe seja próprio, algo pelo qual ele possa assumir uma responsabilidade pessoal (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A adolescência é, também, um período em que o indivíduo tem que lutar contra o estereótipo social e contra uma autoimagem distorcida. A cultura tende a ver o adolescente como um indivíduo desajeitado, irresponsável e propenso às mais variadas formas de comportamento antissocial (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

O adolescente vai desenvolvendo uma autoimagem, que reflete de alguma forma, esse estereótipo da sociedade. Essa condição indesejável, vulgarmente cria conflitos entre pais e filhos, entre o adolescente e a escola, entre o adolescente e a sociedade em geral (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

A adolescência é o período de grandes sonhos e aspirações, mesmo que não sejam sempre realistas (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

De acordo com o próprio Piaget (1972), nesta fase da vida, a possibilidade é mais importante do que a realidade. Com o amadurecimento do ser humano é ele que vai aprendendo a discriminar entre o possível e o desejável.

As principais tarefas evolutivas da adolescência, segundo Havighurst (1953, cit. in Papalia et al., 2009), são as seguintes: aceitar e aproveitar ao máximo o próprio corpo; estabelecer relações sociais mais adultas com companheiros de ambos os sexos; chegar a ser independente dos pais e de outros adultos, a escolha de uma ocupação, a preparação para o casamento; a conquista de uma identidade pessoal.

Do ponto de vista cognitivo e segundo Piaget (1972), o adolescente está no estágio das operações formais, que representa o ponto máximo do processo do desenvolvimento cognitivo.

A aquisição das operações formais é importante, estas são, necessárias a todo o processo de ajustamento social do adolescente (Papalia et al., 2009; Pinheiro, 1992).

1.4. Conclusão

O desenvolvimento acontece porque o ser humano é um sistema aberto, isto é, está em constante interação dinâmica com o meio ambiente. Todo o corpo, toda a estrutura biológica se modifica ao longo da vida numa permanente interação com as várias dimensões do meio natural, social e cultural. A dinâmica entre o organismo e o meio, o individuo é uma unidade biopsicossocial.

Piaget (1972) identificou os estádios de desenvolvimento cognitivo e Erickson os estádio de desenvolvimento pessoal.

Segundo Gonçalves (2001) e Bock (2001) diferenciam os conceitos de adolescência e adolescente, onde todas as características registradas neste período têm sido concebidas como inevitáveis e inerentes, contribuindo assim, para caracterizar a adolescência como uma fase repleta de problemas. Esta visão irá refletir a forma como os adolescentes são vistos pelos seus grupos (familiares e pares) e propõe avaliar a adolescência dentro da perspectiva da concepção da psicologia sócio histórica.

Moraes (1997) afirma que os conflitos e momentos de crises estão presentes no desenvolvimento emocional e psicológico do adolescente. Estes ocorrem, porque existem desequilíbrios em relação ao estado normal, sendo sempre acompanhado de perturbações emocionais. O referido autor relaciona os conflitos com a percepção. Para uns, é um facto que pode suscitar a emergência de circunstâncias desagradáveis, ou problemáticas, que passam por apresentar uma ameaça, e para outros não.

Capítulo II: A Identidade

2.1. Introdução

A preocupação central na adolescência consiste na busca de identidade, que tem componentes ocupacionais, sexuais e de valores. Erickson (1976) descreveu a crise psicológica da adolescência como a crise de identidade versus a confusão de identidade. O autor entende que identidade é uma conceção de si mesmo, constituída de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

Márcia (1966) descreveu quatro estados de identidade: realização de identidade, identidade outorgada, moratória e difusão de identidade. A autora apresenta duas dimensões essenciais na formação de qualquer identidade pelo adolescente, uma crise ou exploração e um comprometimento ou compromisso.

Atualmente a temática da identidade é muito discutida no panorama futebolístico internacional. São inúmeros os jogadores de futebol que trocam os seus países de origem, onde criaram a sua identidade, por outros países em que o objetivo económico está acima de tudo.

Abordaremos a identidade segundo a perspectiva de vários autores e a questão da perda de identidade relacionada com o futebol em específico.

2.2. Identidade

A construção da identidade pessoal é considerada uma das tarefas mais importantes da adolescência, é a transformação do adolescente em adulto (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; & Silvares, 2003).

Construir uma identidade, para Erickson (1972, cit. in Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; & Silvares, 2003), implica definir quem a pessoa é, quais são os seus valores e quais as direções que deseja seguir.

Para Erickson a identidade é uma conceção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; & Silvares, 2003).

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários) (Schoen-Ferreira et al., 2003).

Márcia (1966) apresenta duas dimensões essenciais na formação de qualquer identidade pelo adolescente: uma crise, ou exploração e um comprometimento, ou compromisso.

Por crise ou exploração para Márcia (1966, cit. in Schoen-Ferreira et al., 2003) significa, o período de tomada de decisão, quando antigos valores e antigas escolhas são reexaminados, podendo ser de forma tumultuada, ou ocorrer gradualmente.

Os estados de identidade é um dos termos mais usados por Márcia (1966), e esta utiliza-o quando se refere aos estados de desenvolvimento do eu, que dependem da presença, ou da ausência de crise e de compromisso.

O comprometimento ou compromisso, para Márcia (1966, cit. in Schoen-Ferreira et al., 2003) significa que, o indivíduo realizou uma escolha relativamente firme, servindo como base, ou guia para a sua ação.

O resultado desejado da exploração para Márcia (1996) é o comprometimento com algum papel específico, ou com alguma determinada ideologia.

O comprometimento é medido pelo grau de investimento pessoal que o indivíduo expressa (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Os compromissos correspondem às questões que o indivíduo mais valoriza e com as quais mais se preocupa, refletindo o sentimento de identidade pessoal comprometido (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Kimmel e Weiner (1998, cit. in Schoen-Ferreira et al., 2003) resumem os compromissos a três atitudes: atitudes ideológicas (valores e crenças que guiam as ações); atitudes ocupacionais (objetivos educativos e profissionais); e atitudes interpessoais (orientação de género que influencia as amizades e os relacionamentos amorosos).

Medindo as duas variáveis, crise e comprometimento, Márcia (1966, cit. in Schoen-Ferreira et al., 2003). questionou os adolescentes sobre três temas: a escolha profissional, a religião e a política.

Propôs quatro estados de identidade: execução, moratória, difusão e construção. No estado de Execução, onde o adolescente persegue metas ideológicas e profissionais eleitas por outros (pais e figuras de autoridade). Neste caso não se verifica uma crise de identidade. Caracteriza-se por um estado inicial do processo de formação da identidade adulta comprometido (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Márcia diferencia quatro tipos de estados de identidade: Realização de identidade; Adoção de identidade; Identidade em moratória e difusão de Identidade (Papalia et al., 2009; Schoen-Ferreira et al., 2003; Silva & Taveira, 2004).

A realização de identidade (crise que leva ao compromisso): caracteriza-se pela experimentação de um período de exploração em que o adolescente prossegue os objetivos de identidade autodeterminados (Papalia et al., 2009).

Adoção de identidade: caracteriza os indivíduos que já estabeleceram um compromisso firme com opções de identidade, embora estas tenham sido escolhidas pelos pais, ou outros significativos, não sendo assim tão autodeterminados.

Trata-se de um estatuto que revela a existência de nenhum, ou pouco envolvimento na exploração, o que leva a uma tomada de decisão sem reflexão (Papalia et al., 2009).

Identidade em moratória: neste estado o adolescente debate-se com temas profissionais ou ideológicos, este encontra-se na crise de identidade e ainda não definiu as suas escolhas. Assim, o adolescente vive um período de crise e de intensa exploração das questões de identidade, manifestando dificuldades em decidir-se por uma dada opção, ou por um certo curso de ação (Papalia et al., 2009; Silva & Taveira, 2006).

Difusão de identidade: neste estado o adolescente não se encontra no meio de uma crise, embora esta possa ter ocorrido no passado, mas não chegou a nenhum comprometimento. Este tentou lidar com estes temas, ou ignorou-os, mas não tomou decisões, e não está particularmente preocupado em aceitar compromissos. A difusão de identidade pode representar um estágio inicial no processo da aquisição da mesma, no período da adolescência inicial, ou o fracasso em chegar a um comprometimento, depois de um período de exploração (Meeus, Iedema, Helsén, & Vollebergh, 1999).

Os estádios iniciais de identidade podem ser de difusão ou de execução. Posteriormente o jovem começa a explorar as alternativas, ingressando no estádio da moratória, movendo-se para o próximo, construção da identidade, quando assume os

compromissos. O desenvolvimento da identidade pessoal pode seguir caminhos diferentes, de acordo com as características individuais e sociais (Meeus, et al., 1999).

Segundo Mattesen (1972, cit. in Papalia, 2009), na adolescência não ocorre uma única crise de identidade mas várias. Os jovens confrontam-se com diversas alternativas, no princípio da adolescência, estão mais voltados para as mudanças corporais; no final da adolescência, encontram-se mais voltados para as ideologias. Em cada época, existem mudanças de identidade no mesmo indivíduo, (pois este, ainda se encontra numa fase de desenvolvimento).

Mattesen (1972) alerta para a ocorrência de três fatores no processo de formação da identidade: a época em que ocorre a exploração e o comprometimento; o tipo de alternativas que foram exploradas e o grau de comprometimento do indivíduo.

Segundo Bosma (1994) a adolescência é o período de desenvolvimento da identidade, pelas mudanças que ela comporta. Para este autor, só com o funcionamento cognitivo do adulto é que o indivíduo pode tratar das questões abstratas, como escolha profissional, filosofia de vida, relacionamentos amorosos e estilos de vida.

Zacarés (1997) entende que a identidade se desenvolve durante todo o ciclo vital, mas é no período da adolescência que ocorrem as transformações mais significativas. A preocupação com a identidade torna-se mais consciente e intensa por vários fatores.

Para este autor é a primeira etapa da vida em que estão reunidos todos os ingredientes para a construção da identidade pessoal.

Os estatutos de identidade atingidos pelo indivíduo não são um estado permanente, pois podem sofrer alterações em função de mudanças psicológicas internas e/ou mudanças externas Archer e Waterman (1994).

Segundo Archer e Waterman (1994) diz que os indivíduos que realizam compromissos são descritos por estes autores como pessoas que experienciam sentimentos de continuidade entre o passado, o presente e o futuro, bem como os estados emocionais que refletem a confiança, a estabilidade e o otimismo face a esse mesmo futuro.

Diversos estudos confirmam a opinião do autor Erickson (1972, cit. in Schoen-Ferreira; et al., 2003), de que, para as mulheres a identidade e a intimidade são conceitos que se desenvolvem juntamente e mutuamente.

Segundo (Gilligan, 1987b; Brown & Gilligan, 1992), defende a ideia de que a noção feminina do eu desenvolve-se, não tanto pela busca de uma identidade distinta da masculina, mas sim, pelo estabelecimento de relações. É no contato com as outras pessoas que as mulheres se julgam a si próprias.

Vários autores desta área defendem a visão de que, podem ser através de caminhos diferentes, que se atinge a identidade para os homens e para as mulheres.

Mais importante do que a diferença no género são as diferenças individuais (Archer, 1992; Márcia, 1993).

Segundo Thorne e Michaelieu (1996), é pertinente constatar o aspeto da autoestima. Nos homens, está relacionada com o esforço para a conquista individual, enquanto que, nas mulheres, depende mais dos vínculos com os outros indivíduos.

As raparigas adolescentes têm uma autoestima mais baixa do que os rapazes adolescentes, embora possa existir opiniões controversas a respeito desta constatação.

De acordo com estudos recentes a autoestima diminui durante a adolescência, mais rapidamente para as raparigas do que para os rapazes, e tende a aumentar gradualmente na idade adulta. Estas mudanças podem ser devidas em parte á imagem corporal e a outras ansiedades associadas à fase da puberdade e com as transições do final do segundo ciclo para o terceiro ciclo (Robins & Trzesniewski, 2005).

2.3. A Perda de Identidade

A perda de identidade está relacionada com a internacionalização dos jogadores. Mas antes de abordarmos este tema, faremos referência ao corpo, como um instrumento de criação da identidade. Que se entende como indivíduo, sociedade e comunidade, esse mecanismo, acaba por desenvolver as noções de corpo, que estão para além da simples educação física (Neto, 2009).

A noção de identidade, inscreve-se como um meio de produzir semelhantes, que participam das mesmas práticas, que possuem as mesmas técnicas, são originários das mesmas tradições, mas também desenvolvem o que pode ser denominado de identidade reflexiva, ou refletida (Neto, 2009).

A partilha de funções semelhantes dentro do mesmo grupo cria a identidade de semelhança. Qual o papel do indivíduo dentro do grupo; o indivíduo vê-se no outro, como num espelho (Neto, 2009).

Ou seja, produz a sua entidade dentro das suas noções e vê-se refletido, ao observar as funções semelhantes dentro do outro grupo, compartilhando, assim, papéis em relação ao seu grupo (Neto, 2009).

O Desporto tem a capacidade de, através das suas técnicas e práticas, papéis e regras, diferenciar e individualizar o grupo, a equipa, ou o país representado. A representação surge como a finalidade principal de uma equipa desportiva (Neto, 2009).

A Equipa, com as suas técnicas e construções sociais, a partir de toda uma tradição, que desenvolveu o jogador, até chegar a um nível competitivo, representa um grupo étnico, um país, uma genealogia (Neto, 2009).

Dentro desta desenvolve-se também uma sociabilidade, que se produz a partir de uma interação, da noção de grupo e de semelhança (Neto, 2009).

O grupo, a equipa, tem uma estrutura social própria, pode ser considerada uma “família”. E dentro desta família, os membros compreendem-se e pertencem a uma mesma conceção de ser social, de pessoa, de corpo e de sociabilidade (Neto, 2009).

Assim, compreendem-se como são semelhantes, porque partilham das mesmas práticas corporais, desenvolvidas a partir das tradições e organizações culturais, que constroem as técnicas e os símbolos, que são utilizados segundo a necessidade corporal, ou social (Neto, 2009).

A representação é feita por símbolos e signos, que contém toda uma bagagem cultural, desenvolvida constantemente e que fornece os significados (Neto, 2009).

Então, as práticas não produzem o significado, apenas o carregam para mostrá-lo e, desse modo, estabelecem uma relação de diferenciação e de pertença, que permeia a noção de indivíduo, de identidade e de grupo de semelhança (Neto, 2009).

Os clubes e as seleções, tem divergências quanto á noção de corpo social. A questão da identidade é abordada de maneira distinta, como também os seus símbolos, as suas tradições e a sua conceção como grupo de semelhança e pertença (Neto, 2009).

Verifica-se, que dentro do clube e dentro das seleções nacionais, o ambiente apresenta diversas formas, de se desenvolver as noções de corpo, de pessoa e de identidade (Neto, 2009).

Existem diferenças entre os dois meios de representação: o clube e a seleção. O clube de futebol é um local onde se agrupam os indivíduos que buscam a interação e a sociabilidade, dentro de um grupo de semelhança, fora (mas paradoxalmente, inserido) na cidade, do meio urbano comum, ou seja, é uma introspeção social, que se pretende reafirmar, ao diferenciar-se do resto da cidade, e pretende criar uma reciprocidade entre outros clubes, ao gerar questões de conflito e rivalidade, diferencia-se e individualiza-se, criando a “identidade do clube” (Neto, 2009).

Existem diversas teorias sobre os grupos de interação. Desenvolveram-se análises sobre a cidade (Simmel, Park, Weber, Wirth, Chombart de Lauwe, 1967), sobre os grupos étnicos aí inseridos, mas estes podem ainda ser diferentes, tendo em conta as suas práticas (Sahlins, 2007), sobre microgrupos (Geertz, 1989).

O clube não é diferente de tantos outros microgrupos, a não ser pelo fato de serem autosssegregados (Neto, 2009).

A identidade dentro de uma seleção é uma forma de nacionalidade. Uma seleção é formada por jogadores que jogam em diversos clubes, algumas vezes até mesmo fora do seu país de origem e que, antes de fazerem parte de um grupo de semelhança e de criarem a reciprocidade através das técnicas específicas do desporto. Dentro deste grupo, desenvolveu-se uma noção de pessoa, do eu, de outro e de identidade. Essa primeira identidade caracteriza-se pela nacionalidade, ou pela identidade nacional (Neto, 2009).

A nacionalidade é compreendida, como uma das muitas formas de identidade. Durkheim (2003) abordou o termo “fato social total”, como o fato social que permeava todos os níveis sociais, e Mauss (2003) mostrava que a totalidade, se fazia através da relação entre os símbolos e as práticas específicas, formando um corpo social e uma identidade, pode-se compreender a identidade total como a noção de pessoa que é criada a partir de uma interrelação simbólica e significativa.

O futebol é capaz de produzir a identidade nacional, mas a identidade nacional pode ser construída sem o futebol (Neto, 2009).

A seleção produz a identidade nacional, identidade macro, para uma reciprocidade global, enquanto que o clube produz a sua identidade micro, para produzir o conflito e a reciprocidade entre grupos internos (nacionais) e a seleção como meio de nacionalidade (Neto, 2009).

Esta perdeu a sua função simbólica, ainda que mantenha a sua objetividade, que é a produção das escolas nacionais, desenvolvendo técnicas próprias (Neto, 2009).

A nacionalidade é apenas uma simples máscara, integrada no sistema capitalista, não constrói a coletividade, nem a reciprocidade; apenas promove o indivíduo solitário dentro deste sistema Global (Neto, 2009).

2.4. Conclusão

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido é o sentimento de identidade, mais o indivíduo, valoriza o modo em que é parecido, ou diferente, dos demais e mais claramente reconhece as suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita do apoio e das opiniões externas para se avaliar e compreender, menos as pessoas como distintas.

Um clube de futebol produz a identidade dos seus membros a partir da associação. De acordo com as práticas que se produzem dentro do clube, desenvolvidas segundo as suas tradições, mesmo que de algum modo inventadas, ou manufaturadas, a expressão do corpo compreende-se de modo a significar algo para alguém, geralmente o outro, o qual quer distanciar-se, ou fomentar o conflito de reciprocidade (Neto, 2009).

Dentro de cada clube, observa-se uma estrutura simbólica que permite a interpretação das ações humanas, como as práticas corporais, e expressa essa estrutura, construindo uma identidade de grupo e uma identidade individual (Neto, 2009).

Capítulo III: A questão Pedagógica na Escolinha de Futebol

3.1. Introdução

A Pedagogia não tem um campo exclusivo, não se aplica só á escola. Entendemos que a pedagogia é um caminho refletido, que nos leva ao saber, logo estamos a falar de (o que se deve ensinar, como e para, símbolos, fantasias e sonhos (Scaglia, 1996).

Freire (2003) destaca algumas responsabilidades, obrigações e princípios: ensinar exige rigor e metodologia; é necessário saber pesquisar; ter respeito pelo saber do educando; exige criticidade; ética; exige risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação; ter convicção de que a mudança é possível; deve existir uma reflexão crítica sobre a prática; deve existir respeito e autonomia para com o educando; deve existir bom senso; deve existir reconhecimento e este deve assumir a sua identidade corporal.

A Pedagogia não tem um campo exclusivo, não se aplica só á escola. Entendemos que a pedagogia é um caminho refletido, que nos leva ao saber, logo estamos a falar de (o que se deve ensinar, como e para quem se deve ensinar futebol), sendo este entendido como um jogo, construído historicamente, cheios de signos populares, símbolos, fantasias e sonhos (Scaglia, 1996).

A evolução do fenómeno desportivo aconteceu rapidamente, contando com colaboradores de vários ramos da ciência, nas quais podemos citar: a bioquímica, a biomecânica do movimento e a cinesiologia, fisiologia do exercício no estudo das alterações orgânicas decorrentes de uma atividade física específica, com o objetivo de aumentar a eficiência de quem participa efetivamente da prática desportiva. Entre as diversas disciplinas, das Ciências do desporto, a pedagogia do desporto tem uma contribuição irrefutável (Paes, 2006).

A nossa compreensão parte do desporto: apresentado, tratado e vivenciado de forma representativa, ou seja, na sua forma resumida e dinâmica, tendo na sua estrutura, e organização, coabitando nesse universo a explosão de sentimentos, sensações e anseios, pela qual todo indivíduo já passou, ou vai passar ao longo da sua vida (Scaglia, 1996).

Nesse caso, o desporto é um facilitador da aprendizagem para a vida, dando a oportunidade ao indivíduo de viver uma metáfora da própria condição de sujeito no mundo e do mundo no sujeito, com todas as suas avalanches de emoções e situações em curtos e rápidos momentos que o jogo propicia (Balbino, 2005; Scaglia, 1996).

Educar o indivíduo no e por meio do desporto, vai de encontro à possibilidade de se aprender a viver, conviver e ser, pois o que mais se aproxima da complexidade da vida é a complexidade do desporto e salientando-se o desporto coletivo (Scaglia, 1996).

De acordo com Scaglia (2007) o jogo coletivo exige que o jogador seja inteligente e que aproxime cada vez mais o pensamento da ação, em situações diversificadas e imprevisíveis.

3.2. A Pedagogia do Desporto

A Pedagogia do Desporto é uma subárea do conhecimento da Educação Física que procura caminhos pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem do Desporto, com o objetivo de se tornar compreensível para os professores e discentes na sua prática, e na relação com o mundo (Araújo, 2008).

A pedagogia do Desporto trata dos conhecimentos da cultura corporal/desportiva (Araújo, 2008).

Ao analisar-se os avanços e os limites pedagógicos, tivemos a preocupação de refletir e debater sobre os seguintes temas: contribuição de correntes teóricas, inovações, resignificações, reconfiguração do ensino do desporto, identificação de eventuais problemas e quais os conhecimentos que não foram explorados (Araújo, 2008).

No Desporto, o uso tradicional do termo “tática” tem sido limitado, reduzindo-se aos sistemas de jogo, ou a algumas jogadas ensaiadas pelo técnico. Tem sido desconsiderada a dimensão da busca de estratégias, da inteligência tática, privilegiando-se um modelo estático e pouco variável, de posicionamento na teoria, ou no campo (Mesquita & Graça, 2006).

A educação desportiva progressista, oferece caminhos qualitativos para transformar essa realidade, isto é, o desenvolvimento da metodologia do ensino. A iniciação desportiva é um processo que envolve mais do que o ensino-aprendizagem de gestos motores (Mesquita & Graça, 2006).

O modelo de ensino de jogos, na busca da compreensão, propõe uma porta de entrada, diferente da tradicional, ou seja, a tática (compreensão do jogo) é o ponto de partida para a técnica (eficácia da ação motora). Esta proposta de compreensão dos jogos, parte da crítica à abordagem tradicional, que sempre enfatizou a técnica como o centro das atenções de toda pedagogia desportiva (Araújo, 2008).

Assim, a técnica seria o “modo de fazer” e a tática, “as razões do fazer”, (Daolio, 2002).

Na base da estrutura pendular estão os princípios operacionais e na sua extremidade, os gestos técnicos específicos de cada modalidade, passando pelas regras da ação (Araújo, 2008).

Segundo Medeiros, Sadi, & Scaglia (2003) afirmaram que no ensino do desporto, não se pode descurar a necessidade de se ensinar a competir, pois vemos a competição como um conteúdo do planeamento do professor e pode enriquecer, e incrementar o processo de ensino.

3.3. Pedagogia do Desporto em Portugal

Os autores portugueses destacam-se nas suas investigações, por investigarem o ensino do desporto coletivo (o futebol), ampliando assim as discussões, debates, inovações e competências básicas para a aprendizagem e prática do Desporto Coletivo: a técnica, a tática, a inteligência e a cooperação Bento, Graça e Garganta (2006).

Garganta (2002) elege três características (essenciais) para a estratégia e a tática do JD que contempla: o tipo e relação de forças (conflitualidade) entre os efetivos que se defrontam; a variabilidade, a imprevisibilidade e a aleatoriedade do contexto em que as ações de jogo decorrem; e as características das habilidades motoras, para agir num contexto específico.

O autor chama a atenção de alguns professores, quando se refere à técnica de forma restrita, em consequência da execução lógica do gesto. Um sentido genérico, ideal e impessoal, e que se resume na execução dos elementos fundamentais do jogo (passe, receção), e outros são feitos, por mera execução mecânica. Por outro lado, o autor ressalta que, a importância da técnica no desporto deve estar associada à capacidade complexa do jogo Garganta (2002).

Segundo Garganta (2002), o jogo deverá estar presente em todas as fases do ensino-aprendizagem, pelo facto de ser simultaneamente o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução das limitações que os praticantes vão revelando.

O autor estabelece uma relação com a cognição, sendo esta, uma condição para a eficiência e para a eficácia da ação motora, ou seja, pensar e agir no jogo. Isto só é possível, quando existe uma resposta aos problemas (situações) do jogo, aonde os processos cognitivos permitem ao jogador o reconhecimento, a orientação e a regulação das suas ações motoras, ao exigir uma inteligência específica. Visto que os atletas de alto-rendimento se destacam pelo conjunto de traços (níveis) cognitivos e motores que caracterizam o êxito nos jogos desportivos Garganta (2002).

Pode-se assim dizer que o comportamento dos jogadores num jogo situa-se numa tensão permanente entre conhecimento e a ação. O autor aponta dois tipos fundamentais de conhecimento: o conhecimento declarativo e o conhecimento processual Bento, Graça e Garganta (2006).

O conhecimento declarativo (relativo à “o que fazer”) no estudo de habilidades desportivas, refere-se ao conhecimento baseado em factos armazenados na memória, representando o movimento, o indivíduo, o ambiente e as suas inter-relações Bento et al. (2006).

Regras, definições e outros factos do desporto são caracterizados como conhecimento declarativo, assim como, dimensões corporais, culturais, psicológicas e físicas do movimento Bento et al. (2006).

Por outro lado, o conhecimento processual (saber fazer uma determinada ação) está relacionado especificamente com a resolução do problema e com a tomada de

decisão em relação ao movimento a ser desempenhado (como fazer esta ação ou habilidade) Bento et al. (2006).

Para o autor a capacidade de execução não se esgota na dimensão cognitiva, mas tem de ser viabilizada por outras dimensões, nomeadamente a energética e a coordenativa Garganta (2002).

Garganta (2002) retoma a técnica e a tática numa unidade, e estas devem ser entendidas como expressões vitais duma mesma realidade.

Seguindo as linhas similares de raciocínio, encontra-se um grupo de autores portugueses pensando sobre como ensinar Jogos Desportivos Coletivos (JDC), dando grande importância à utilização de jogos adaptados e ressaltando alguns princípios pedagógicos relevantes Bento et al. (2006).

O rendimento também é o resultado da aprendizagem e da evolução de qualquer desporto, os jogos escolares pedagogicamente trabalhados, poderão enfatizar e valorizar o rendimento na perspetiva da totalidade humana nos seus aspetos educacionais, sociais, e no aperfeiçoamento das técnicas, aliando-se a todos os setores, ou grupos sociais e contribuindo para a formação da cidadania dos alunos (Araújo, 2008; Bento et al. (2006).).

Não obstante, o rendimento não é caracterizado em formar “atletas máquinas”, programados para ganhar, mas sim “atletas humanos”, criativos, consciencializados da sua prática e da sua função na sociedade.

Conforme Freire (2003) deve fazer parte da pedagogia do Desporto conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar as suas próprias soluções e a falar sobre elas, levando-o a compreender as suas ações.

A Pedagogia do Desporto pode trazer contribuições significativas para o processo de Ensino-aprendizagem do Desporto, por meio da compreensão; similaridade e complexidade de categorização dos jogos; e na construção da inteligência tática do aluno. Isto é possível através da ação de profissionais, comprometidos com a qualidade

e o desenvolvimento global dos atores envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem, sendo eles (alunos, professores e funcionários da instituição educativa) Freire (2003).

3.4. A questão Pedagógica na Escolinha de Futebol

Atualmente é grande a proliferação de Escolinhas de várias modalidades na nossa sociedade, como futebol, destinadas a acolher um público infantil e adolescente, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos Scaglia (1996).

O que antes era “privilégio” dos clubes, hoje está a ser explorado por agências e apresenta fins lucrativos. Os Ex-atletas consagrados utilizam da sua “fama” e prestígio para atrair alunos para suas escolinhas, estabelecendo uma relação comercial através do Desporto Scaglia (1996).

O trabalho com as escolinhas de desporto materializa-se por meio de uma prática pedagógica, preocupada com o desenvolvimento global dos seus alunos, respeitando os seus estádios de crescimento e desenvolvimento, físico e cognitivo, onde, a escola de desporto, através de suas práxis pedagógica, deve contemplar várias possibilidades, tais como: sociais, intelectuais, motoras, educacionais e também desportivas Scaglia (1996). O processo de ensino-aprendizagem que defende e propõe a ideia de um trabalho com escolinhas, baseia-se na conceção da pedagogia do desporto Scaglia (1996).

Onde esta conceção tem como função básica, proporcionar um desenvolvimento harmonioso e global ao aluno, respeitando sempre os seus estágios de crescimento e desenvolvimento, possibilitando um aumento do seu vocabulário motor aliado à aprendizagem dos fundamentos exigidos pelo futebol Scaglia (1996).

A Aprendizagem técnica do futebol não tem um fim em si mesmo, ou seja, ele contempla, também, todas as outras dimensões abrangidas pelo desporto. Segundo Tubino (1992) o desporto está a deixar de perspetivar apenas o rendimento, para dar ênfase a um novo paradigma, os sentidos educativos e o bem estar social, que na sua prática pode proporcionar um novo conceito de desporto que abrange 3 áreas distintas, a área em que existe a Manifestação do desporto, como uma performance, e nos quais, os objetivos são o alto rendimento; a Manifestação do desporto, em que existe a participação, e que tem como objetivo a promoção do bem-estar, aqui o desporto é visto

como uma forma de lazer para todos; e por último, abordar-se-á o Desporto na área da educação, em que o objetivo é a formação, que se pauta por princípios sócio-educativos, e nos quais os participantes são preparados para a cidadania.

Montagner (1993) afirma que o desporto só tem uma função, a educativa, quando tem por finalidade, passar o conhecimento ao aluno, tanto a nível técnico e desportivo, como em relação aos valores culturais que o levarão a um desenvolvimento global.

O método global deve abranger os aspetos: sensitivos, cognitivos, afetivos, sociais e motores. Pois, segundo Leguet (1987), a eficácia será consequência dos aspetos Cognitivos, o que significa (compreender o que faz, tomar consciência, conhecer-se, saber reconhecer as exigências de uma situação, decidir); dos aspetos Afetivos, o que significa (investimento, controle das emoções, evitando-se a degradação do comportamento, e que se deve aceitar os desequilíbrios e mostrar-se); e dos aspetos motores, o que significa (a execução, os ajustamentos oportunos, os fatores suficientes de execução, os fatores de coordenação e a marcação).

Já Betti (1991) nos diz que ao se ensinar qualquer desporto, tem-se a possibilidade de se ensinar uma prática, que o aluno a levará para toda a sua vida. Portanto, ensinando-se bem, este aprendiz só colherá satisfação e proveito da sua prática desportiva, mesmo que este se torne num especialista, ou apenas num consumidor passivo de desporto, pois aprenderá a assumir uma posição crítica diante do fenómeno desportivo.

O trabalho não significa só a busca de um resultado (performance) mas o desenvolvimento físico do aluno, mas também procura atender todas as necessidades do mesmo, fazendo referência ao desenvolvimento sociocultural e desportivo.

A escolinha de futebol procura trocar o tecnicismo de movimentos estereotipados, que são subordinados a resultados imediatos de performance, para se preocupar a função pedagógica da ação motora desenvolvida, ou seja, todo o movimento realizado deve ser carregado de sentido/objetivo pedagógico, dentro do desenvolvimento das aulas. Isto é alcançado mediante atividades lúdicas, que se baseiam muitas vezes em jogos de ruas, ou que fazem parte da própria cultura infantil, para ensinar o futebol e seus fundamentos. Freire acredita que, a ação do professor deva ser pautada por um modo de pensar que tenha como referências as condições concretas

do aluno, a sua cultura, ou seja, o mundo concreto do aluno deve se relacionar com a atividade simbólica solicitada pelo professor (Freire, 1989; Scaglia (1996).

Deve-se ensinar as crianças a jogar futebol, mas, a longo prazo, deve-se fornecer subsídios, para que estas se tornem mais autônomas e críticas, levando a uma transformação nas suas vidas, ou seja, através do ensino do desporto, no nosso caso, o futebol, tem-se ressaltado e resgatado os valores educativos que serão incorporados na aprendizagem do futebol Scaglia (1996).

Muitas vezes é visto como uma especialização precoce e caça de mini talentos. Com isso, como Capinussú (1985) afirma que o trabalho com escolinhas é o atestado de óbito do empirismo.

Após ter-se percorrido todo este caminho, e o aluno ter adquirido toda esta preparação motora e técnica, ele terá a oportunidade, a liberdade, e a possibilidade de se especializar em futebol Scaglia (1996).

No final do processo de ensino e da aprendizagem o aluno tem o livre arbítrio para escolher qual o caminho a seguir, se o do desporto (futebol) performance, ou o do desporto (futebol) participação, tendo por base o desporto (futebol), educação vivenciada, aprendida e desenvolvida na “escolinha de futebol” Scaglia (1996).

3.5. Conclusão

A pedagogia do desporto na atualidade vêm sendo amplamente estudada, sempre com o intuito de valorizar e resgatar o homem como ser sociocultural, trazendo significados e resignificados, quando Reverdito (2005) nos afirma a importância da prática desportiva como facilitadora no processo ensino-aprendizagem e no seu carácter educativo.

Segundo Paes (2006) e Scaglia (2003), a evolução do desporto sugere uma prática pedagógica que priorize, além dos métodos e procedimentos, a preocupação com quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas e ainda proporcionando a criação de novos gestos. Para estes autores, os jogos que hoje conhecemos, foram criações da humanidade, que ao longo da sua historicidade, as suas transformações, chegaram às modalidades desportivas que hoje são consideradas institucionalizadas.

O homem vem utilizando a necessidade de aprender desde os tempos mais remotos, pois para sobreviver às adversidades impostas no seu quotidiano foi sempre necessário adaptar-se, criar e aprender para preservar a sua espécie, por exemplo, tiveram que aprender a caçar, conhecer as plantas, frutos e raízes para o seu sustento, aprendeu a transformar materiais que dispunham, como pedras e madeira para criar armas para a caça, utensílios para comer e roupas para se proteger do frio, aprendeu a criar estratégias para fugir de possíveis predadores e utilizou-se de animais que ele próprio domesticou para ajudar na proteção e na caça (Freire, 2003).

O Desporto possibilita a aprendizagem do futebol a todos os indivíduos, a todos os níveis; o desporto na área da educação, possibilita a transmissão de valores educativos através do futebol; o desporto performance porque após percorrer todo um processo de ensino aprendizagem, tem-se a possibilidade de ter uma especialização, que levará o aluno a ter um alto rendimento, pois não se pode negar esta oportunidade aos que se dedicam e sobressaem Scaglia (1996).

Capítulo IV: A Integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes

4.1. Introdução

A sociologia aborda o problema da integração em termos de coesão social (Durkheim, 1983).

De acordo com Parsons (1971, cit. in Schanpper, 2007) a integração sucessiva nos diversos subsistemas conduz à integração social desencadeada pelo processo de socialização e pela aprendizagem contínua que o indivíduo interioriza sobre as normas coletivas. A socialização permite a adequação entre a cultura, a sociedade e a personalidade.

O reconhecimento do desporto como canal de socialização positiva ou inclusão social é revelado pelo crescente número de projetos desportivos destinados aos jovens das classes mais desfavorecidas, que são financiados por instituições governamentais e privadas.

O desporto é um poderoso meio de integração. Quando se vê um bom jogador, a atenção vai para o seu desempenho e não para a sua cor, religião, conta bancária ou imagem. Aqui entra futebol que entre todas as atividades faz reunir sem preconceitos tantas diferenças num retângulo com linhas demarcadas (Borsari,1989).

O desporto contribui para a integração regional e nacional ao fomentar entre as pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças, religiões a partilha das emoções transformando eventos em confraternizações, fatores de união destacando-se entre os principais motivos da vida moderna. Neste aspeto o desporto mais popular do mundo tem a importância fundamental na animação das comunidades periféricas no país, na luta que precisam de empreender com urgência no esforço da auto-organização para a superação da marginalização social e económica (Cruz,2003).

O desporto, e o futebol em particular, é um meio de ajuda à integração social. A criação de recintos desportivos e das respetivas atividades ligadas são medidas fulcrais de apoio aos mais necessitados, pois com a prática desportiva haverá com certeza uma melhor integração e inclusão de pessoas que não são tão bem aceites na sociedade por serem diferentes ou por pertencerem a outra classe social (Cruz,2003).

Neste capítulo falaremos de alguns conceitos, do conceito de integração, da integração social, do processo de integração, do conceito de acolhimento e do desporto como meio de ajuda à integração social.

4.2. Integração

A Integração é um processo social que consiste na interdependência existente entre os membros de uma sociedade e entre estes e o todo social. Diz-se que existe integração social quando existe uma tendência para a consistência nos costumes, símbolos e crenças de uma sociedade (Marshall,1994).

Entende-se que a Integração Social é um processo de unificação dos diversos elementos, que compõem uma sociedade, ou grupo, assim como o processo pelo qual, o individuo se adapta harmoniosamente aos padrões do grupo (Cabral & Nick, 2006).

Para que exista integração total numa sociedade podem seguir-se duas vias: a da institucionalização ou a da coerção; em qualquer dos casos é necessária a supressão dos conflitos e o desenvolvimento de um certo grau de solidariedade (Marshall,1994).

Existem autores que de acordo com a visão sociológica, defendem a conceção integrativa da sociedade, como é o caso dos teóricos funcionalistas Parsons (1969) e Merton (1957), outros defendem uma via conflitualista (teóricos marxistas), outros ainda, como Dahrendorf (1977), sugerem dois aspetos, a integração e o conflito, estes seguem uma via mais eclética.

De qualquer forma, como Mills (1953) acentuou, não se pode alargar á escala da sociedade (como fizeram os funcionalistas americanos), mas também se deve abordar o papel que a integração desempenha á escala das comunidades locais (Marshall,1994).

Quando se aborda a integração, pensa-se naturalmente na integração de pessoas, de culturas diferentes (integração intercultural), de indivíduos de raças diferentes (integração social), e de idades ou de gerações diferentes (integração transgeracional) (Roegiers & Ketele, 2004).

Abordar-se-á de seguida as três componentes da Integração, em primeiro lugar fala-se da ideia de interdependência dos diferentes elementos, que se querem integrar (Roegiers & Ketele, 2004).

De seguida pretende-se saber o que aproxima tais elementos: quais são os pontos comuns, se são reforçados os vínculos existentes, se existe uma rede entre esses elementos, se estes são solidários entre si, se ficam juntos, se ficam associados, se aderem a um conjunto de elementos, mas o que se pretende essencialmente é que estes não se fundam, nem se confundam. Em suma, pretende-se que estes reagrupem num sistema (Roegiers & Ketele, 2004).

Por último fala-se do princípio básico da sistemática, em que o todo é superior à soma das partes, e que se traduz no primeiro aspeto da integração, ou seja, na interdependência dos elementos que são integrados (Roegiers & Ketele, 2004).

Rocher (1989) afirma que para existir adaptação ao meio social, é preciso que todas as pessoas, que o constituem, tenham entre si um certo denominador comum, isto é, normas, modelos, valores e símbolos e que estes sejam partilhados, permitindo que todos participem das mesmas identidades coletivas, é necessário que o indivíduo interiorize crenças, símbolos, costumes, como já mencionamos anteriormente, na sua personalidade para que se sinta totalmente integrado.

4.3. O acolhimento dos jogadores residentes e não residentes

Neste ponto pretende-se falar de acolhimento, embora se tenha recorrido a definições gerais, como a de ser acolhido em instituições, a de instituição e do processo integrativo, e só a seguir se abordará o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes.

4.3.1. Acolhimento

O acolhimento é um programa que tem uma aplicação coletiva, no momento de entrada na organização, o que coincide com o período em que os indivíduos experimentam maior incerteza e ansiedade por se movimentarem num ambiente desconhecido (espaço, pessoas, cultura).

Este programa incide sobre um período relativamente curto (1 a 4 semanas) e funciona como o veículo de apresentação da organização e implementação dos seus valores, normas e objetivos (Mosquera, 2002; Peretti, 2001).

Delgado (2011) afirmava, quando se acolhe uma criança, este deve ser um ato pautado pela competência, pela ética e pela bondade.

Portanto qualquer instituição que acolha crianças, ou jovens adolescentes, deve ter em conta os três parâmetros acima mencionados.

Ser acolhido, representa desde logo, ao nível do micro sistema, e do ponto de vista da criança, a entrada numa nova casa e a integração num novo espaço familiar, que deve ser, simultaneamente, um ambiente terapêutico para a criança, que promova a mudança para padrões seguros de “*attachment*” (Cairns, 2002).

De acordo com Alberto (2002) cada instituição é uma casa de “*faz de conta*”, é uma família de “*faz de conta*”, para crianças e adolescentes que continuam a sentir um profundo vazio (o de terem uma casa “*de verdade*”), uma família “*de verdade*” como têm as outras crianças.

O acolhimento numa instituição remete-nos para um espaço institucional, com uma arquitetura e uma organização específica, para um coletivo mais ou menos massificado, despersonalizado, que tece um relacionamento necessariamente distinto do familiar.

Ou seja, na expressão de Panchón (1998), é um “*meio artificial*”, que pode satisfazer as necessidades básicas da criança, proporcionar-lhe segurança, uma alimentação adequada, os cuidados médicos necessários, um percurso educativo, á semelhança do que sucede numa família, mas dificilmente proporcionará o relacionamento emocional e afetivo próprio dos laços familiares.

A instituição é o lugar onde as crianças vivem e dormem, onde os adultos que cuidam destes, ou seja, são contratados para assumirem essas tarefas.

Cabe, às pessoas que trabalham como educadores, pedagogos, psicólogos, o importante papel, o de inculcar nos jovens institucionalizados, uma educação e um suporte emocional que lhes permita num futuro próximo serem capazes de se desenvolverem noutra contexto.

O processo integrativo revela-se de uma importância fundamental para que o jovem se sinta bem no seio da instituição.

Bronfenbrenner (1996) afirma que o potencial de integração aumenta se a entrada no novo meio ocorrer na companhia de uma ou mais pessoas com os quais a criança participou em ambientes, anteriores, o que neste caso específico se aplica aos pais biológicos ou outros familiares da criança, e, de modo mais significativo, aos técnicos dos serviços sociais responsáveis pelo caso.

4.4. Conclusão

A Integração é um processo de assimilação nivelador, mas como igualdade de oportunidades, aliada á diversidade cultural, numa atmosfera de tolerância mútua.

Um processo de integração social é um processo cultural. Nele está presente toda a carga simbólica e histórica, antiga e recente, onde se determinam os feitos, os paradoxos e as possibilidades, referentes a essa decisão social de aproximação qualitativa, e, conseqüentemente, aos sucessos e ilusões que marcarão a trajetória integrativa (Kaku, 2008).

Os estudos sobre a institucionalização evidenciam que, esta pode ter efeitos positivos e negativos na criança ou no adolescente. No que diz respeito aos aspetos negativos, muitas das instituições colocam de lado a individualidade das crianças e dos adolescentes. Pelo lado positivo salientamos a importância do contexto e dos processos desenvolvimentais ocorridos (Gonzalez, 2011).

Como se sabe, exemplo de um desporto importante para este combate é o futebol, porque as crianças mais pobres sonham ter uma vida melhor através da prática deste e através da criação de várias academias e escolas foi importantíssimo para integrar estas crianças socialmente, sobretudo aquelas que proveem dos bairros mais problemáticos (Zurita & del Valle, 2005).

Durante o acolhimento a criança/ou jovem sofre perdas a diversos níveis, e estas afetam os seus sentimentos de segurança e de pertença, podendo elas ser de natureza física, material, psicossocial e sociocultural (Zurita & del Valle, 2005).

CAPÍTULO V Organizações Desportivas

5.1. Introdução

As organizações não são apenas locais onde se considera e controla grupos, como se pensava nos anos 80. Elas são mais do que isso. Assim como os indivíduos, as empresas têm personalidade, podendo ser rigorosas ou flexíveis, inamistosas ou amigáveis, criativas ou tradicionais (Robbins, 1999).

Dentro de toda organização formal aparecem organizações informais. Os grupos constituintes da organização, como todos os grupos, desenvolvem os seus próprios hábitos, valores, normas e relações sociais, conforme os seus membros vão vivendo e trabalhando juntos. As raízes desses sistemas informais estão cravadas na própria organização formal e nutrem-se da própria formalidade dos seus constituintes (Scott & Blau, 1997).

O movimento associativo em Portugal, ao nível do setor federado, assemelha-se a uma pirâmide onde podemos encontrar três grandes níveis de associativismo. Na base da pirâmide encontram-se os clubes desportivos que têm a missão de promover a prática da modalidade desportiva a nível local. Os clubes desportivos, organizações que nasceram muito antes das federações e associações, constituem as unidades organizacionais mais importantes para assegurar a promoção e generalização da prática da atividade física e do desporto (Pires & Sousa, 1987).

O desporto, como um dos fenómenos sociais e culturais mais importantes do século XX, tanto na sua vertente espetáculo, como de prática livre e voluntária do cidadão, desenvolve-se fundamentalmente, através de entidades e organizações desportivas (Roche, 2002).

O Futebol Clube do Porto, e toda a sua estrutura, constitui-se como uma organização desportiva de excelência, com parâmetros de organização rigorosos a todos os níveis e que colocam a organização como sendo um exemplo a seguir.

Abordaremos a temática das organizações, mencionando as definições e especificidades, falaremos das organizações desportivas e do Futebol Clube do Porto em particular.

5.2. Organização

Segundo Ferreira, Neves, Abreu e Caetano (2001), a organização consiste num sistema aberto, social e técnico, cujo funcionamento assenta num conjunto estruturado de papéis organizacionais.

Existem dois tipos de sistemas dentro de uma organização, o sistema formal e o sistema informal. O sistema formal diz respeito aos objetivos da organização, ao funcionamento desta, aos comportamentos desta, todo este sistema reverte para os padrões visíveis da organização. Por sua vez o sistema informal, diz respeito a todos os aspetos não visíveis dentro de uma organização, tal como, as relações informais entre os indivíduos de uma organização (Petit & Dubois, 1998).

Os papéis organizacionais, numa organização social é um conjunto padronizado de comportamentos que constitui o sistema formalizado de papéis, no qual se define as regras de conduta e explicitamente se cumprem, para serem seguidas por qualquer que seja o detentor de um determinado posto, ou cargo organizacional (Ferreira et al., 2001).

De acordo com os primeiros autores que se debruçaram sobre o conceito de cultura organizacional, este pode ser entendido segundo duas perspetivas, a social e a cultural. A primeira concebe a cultura organizacional como algo focado nas interações e nas relações sociais, entre os diferentes indivíduos da organização, em que cada indivíduo e respetivo comportamento, contribuem para o sucesso e a realização da organização em si. A segunda perspetiva concebe a cultura organizacional como algo focado nas normas, valores, padrões existentes no seio da organização. O essencial nesta abordagem são os processos culturais vigentes (Ferreira et al., 2001).

Martin (1992), concede o conceito de cultura organizacional segundo três dimensões, a dimensão integradora, a dimensão diferenciadora e a dimensão fragmentada. A visão integrativa é fundamental para este autor, os processos integrativos funcionam como veículos de transmissão, dos valores, das normas, e para que todos os indivíduos se sintam importantes no seio da organização.

O segundo parâmetro considerado pertinente por este autor é a questão diferenciadora, que por vezes existe entre os indivíduos de uma organização. Este explica que, ao existir conflitos de interesse e visões diferentes, estas podem funcionar como algo saudável para a organização.

O terceiro parâmetro consiste na análise do indivíduo em si, como veículo de transmissão da cultura organizacional, quer para com os restantes elementos da organização, quer para com elementos de outras organizações (Ferreira et al., 2001).

Já por sua vez Sackmann (1992), este defende que o conceito de cultura organizacional estrutura-se em quatro abordagens, a abordagem holística, a abordagem funcionalista, a abordagem simbólica-cognitiva e a abordagem construtivista.

A abordagem holística concede importância aos aspetos visíveis e invisíveis da cultura, como os comportamentos, os símbolos, as normas e as regras. O funcionamento de uma dada organização é dado pelo estudo dos aspetos visíveis e invisíveis desta. A organização é vista como um todo. A abordagem funcionalista concede importância à forma como qualquer aspeto relativo à organização é concebido e trabalhado. A abordagem simbólica-cognitiva que se prende com os aspetos mentais, mais concretamente à forma como as pessoas aprendem e o que têm na cabeça. A abordagem construtivista que concede a cultura organizacional como uma teia de interações sociais, onde os diversos indivíduos atuam entre si de forma a levarem a cabo um determinado objetivo (Ferreira et al., 2001).

O clima organizacional refere-se a uma situação, temporal, subjetiva, manipulável, enquanto que a cultura organizacional refere-se a um determinado contexto, histórico, complexo, coletivo, de difícil manipulação (Ferreira et al., 2001).

Segundo a definição de clima organizacional, este procura avaliar o grau em que as características organizacionais são percebidas pelas pessoas, e como estas contribuem para o seu bem-estar, resultando na expressão dos valores individuais. Na cultura, o que se avalia é a expressão dos valores e das normas de unidade formal de referência, pois estas exprimem o que é desejado, e o que é benéfico para o funcionamento ou sobrevivência da unidade formal de referência (Ferreira et al., 2001).

No que concerne às semelhanças entre a cultura e clima organizacional estas são fenómenos comuns, o da criação e o da influência do contexto social no espaço organizacional Denison (1996).

5.3. Organização desportiva

As organizações desportivas sem fins lucrativos devem aumentar a autonomia e melhorar a capacidade de antecipar e proceder as mudanças do meio envolvente (face às oportunidades e ameaças), e precisam de intervir ativamente na formulação de estratégias (Correia, 2000; Santos 2002).

A realidade das organizações desportivas sem fins lucrativos tem sido alheia ao fenómeno e á prática da gestão estratégica nas organizações do setor privado. As organizações desportivas sem fins lucrativos estão mais preocupadas em adotar decisões anuais do que propriamente em preparar a organização para um período de longo prazo (Correia, 2000).

Associação desportiva define-se pela união organizada de um conjunto de pessoas que se propõem conjugar esforços em prol de um fim comum (Carvalho, 2001). Vamos começar por fazer a distinção entre associação e sociedade, uma associação distingue-se do conceito de sociedade, na medida em que os proveitos gerados pela sua atividade não revertem em benefício dos seus associados, caso contrário assume-se como uma sociedade ou organização de fins lucrativos (Carvalho,2001).

As sociedades desportivas (clubes e SAD`s), tem de ser geridas por quem esteja familiarizado com o contexto em causa. Gerem-se organizações e sistemas com características, culturas e padrões de comportamentos próprios que tem de ser conhecidos (Pires, 1998).

A organização do desporto em função da evolução natural deste fenómeno, teve, tem e terá implicações nas organizações desportivas, no quadro normativo e no seu enquadramento administrativo com alterações profundas ao nível do associativismo desportivo. A análise dos últimos anos do desporto em Portugal pode confirmar claramente este cenário de mudança (Pires,1994).

Podemos concluir que a lógica do associativismo, hoje é outra. Assenta em projetos que tenham a ver com as reais necessidades das pessoas, limitadas no tempo. Apresenta uma estrutura volátil e de grande flexibilidade ao contrário dos modelos pesados e pouco flexíveis que nos foram legados pela revolução industrial (Pires,1994).

5.3.1. O Futebol Clube do Porto

O Futebol Clube do Porto é um clube desportivo da cidade do Porto, fundado em Setembro de 1893 por António Nicolau d'Almeida. Este, desportista por excelência, e exímio comerciante de Vinho do Porto, convidou, na qualidade de presidente do clube, o F.C. Lisbonense para um jogo de futebol. Ficou na história a primeira aparição azul e branca. Nos registos históricos, este é o marco mais antigo da atividade portista.

Posteriormente, em 1906, Costa quis unir, numa celebração que desejava profícua, o diverso trabalho da comunidade desportiva portuense com o da comunidade desportiva da Inglaterra, berço do jogo, que passaria a encantar a cidade. O impulso inglês levou mesmo a que Monteiro da Costa extinguisse o Grupo Recreativo «O Destino», a que presidia, em favor do F.C. Porto (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

Paulatinamente o clube foi adquirindo um vasto número de sócios. Novas modalidades apareceram: em 1940, bilhar e pesca desportiva, em 1943 o voleibol, em 1945 o ciclismo. Neste mesmo ano o clube contava já com cerca de 8000 sócios. Posteriormente, em 1951, apareceu o campismo e em 1955 o hóquei em patins. Entretanto, a equipa de futebol passou 15 anos sem títulos, entre 1941 e 1955. Eram as outras modalidades, nomeadamente o andebol de onze e o ciclismo, que se encarregavam de ir aumentando o palmarés do clube. O desejado estádio novo foi inaugurado em 1952. Chamava-se Estádio do Futebol Clube do Porto, mas ficou para a história como Estádio das Antas (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

Com o passar do tempo, o FC Porto foi ganhando fôlego. Tornou-se grande, não só na ambição, mas também nas potencialidades desportivas. Somou títulos e surpreendeu o país e o Mundo. Na década de 80 foi a mais memorável. Em 1987 e 1988, as conquistas da Taça dos Campeões, da Taça Intercontinental e da Supertaça Europeia, foram feitos impressionantes e a prova evidente da existência de uma filosofia especial. Alguns anos mais tarde, o clube atingiu o Penta (cinco campeonatos ganhos consecutivamente), façanha única em Portugal. A história tinha agora um lugar especial para o clube (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

Atualmente o mundo desportivo evoluiu e as realidades desportivas são outras. As SAD's passaram a ser uma imposição, imposta pelos novos mercados onde a competição é a palavra-chave, mas o F.C. Porto permanece dinâmico e vencedor. O

clube continua a representar a sua região e a servir de baluarte para os seus legítimos interesses. Vencer e obter reconhecimento internacional são objetivos a atingir para orgulho de todos os sócios e simpatizantes espalhados pelos cinco continentes. Certamente que Nicolau d'Almeida e Monteiro da Costa, fundadores do clube, não esperariam tais sucessos (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

Na atualidade existem duas infraestruturas, o Centro de Treinos e Formação Desportiva PortoGaia e o Estádio do Dragão, que são fulcrais para que o clube atinja patamares de vanguarda e difíceis de igualar, fazendo-se antever um futuro de sucesso. Com o contributo de condições únicas e modernas, que no entanto continuam a respeitar integralmente o seu passado, o F.C. Porto redobra a sua pujança. Títulos como a Taça UEFA de 2002/03, a UEFA Champions League de 2003/04, a Taça Intercontinental 2004 e a Liga Europa 2010/2011 provam esta realidade (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

Para além da primazia e fulgor no futebol, o Futebol Clube do Porto é grande em todas as modalidades que pratica. Existem factos, que falam por si e a prova disso é o palmarés que fazem destacar a abrangência do clube azul e branco: o Futebol Clube do Porto luta por títulos em modalidades tão completas e distintas como o Hóquei em Patins, Basquetebol e Andebol, que, a par do Futebol, continuam a ganhar cada vez mais adeptos. O Bilhar, a Natação, o Atletismo, o Desporto Adaptado, também contribuem para o sucesso do clube e asseguram novos títulos para o espólio portista (Futebol Clube do Porto, 2010 a).

A “Casa do Dragão” é uma infraestrutura na dependência direta do Departamento Pedagógico da FC Porto – Futebol, S.A.D, cujo objetivo é acolher e integrar jovens atletas entre os 13 e os 19 anos que revelem um potencial, para evoluir no sentido da alta competição e cuja área de residência e/ou meios de transporte lhes dificulte o acesso aos treinos, à competição e à escola (Futebol Clube do Porto, 2010 b).

Estes jogadores não se encontram ao abrigo de decisões judiciais do âmbito institucional, como se tratassem de crianças abandonadas e/ou retiradas aos pais por tribunais, ou por decisão familiar. Neste aspeto, o objetivo desta infraestrutura, não passa pela substituição do poder paternal, mas constitui um complemento da família, na construção da identidade destes jogadores. Neste ponto de vista, a Casa do Dragão surge

como a melhor solução, para um jogador deslocado, que tem aspirações claras a ser futebolista, assegurando as funções de complemento educativo, emocional e social, em colaboração direta com os pais.

Justifica-se, desta forma, o surgimento do Departamento Pedagógico que apresenta preocupações a nível do bem-estar, do desempenho escolar e desenvolvimento afetivo dos jovens jogadores de futebol dos escalões de formação do clube. Esta perspetiva abrange vários níveis: escolar, social (intra e interindividual) e comportamental que, no seu resultado global, vai interferir no desempenho desportivo.

A nível de infraestruturas, a Casa do Dragão é de construção moderna, com três andares, sendo que os diferentes quartos se encontram distribuídos pelos vários andares. Tem ainda uma sala de convívio, uma sala de técnicos, sala de estudo, salas de atividades de lazer e convívio, refeitório, cozinha, casas de banho, bem como um espaço exterior.

Com o intuito de transparecer a cada jogador alojado na Casa do Dragão a importância que possam vir a ter no futuro, cada espaço é caracterizado pelo nome de um antigo jogador do clube, já que se acredita na importância destes jovens tomarem como referência personalidades de destaque neste clube.

Estes jogadores têm a perspetiva de um dia serem grandes jogadores de futebol, colocando, por vezes, a escola um pouco de parte. No entanto, e de acordo com os pressupostos e a filosofia subjacente, a esta instituição, todos os jogadores da Casa do Dragão estudam em várias escolas do Porto. A escola António Nobre tem mesmo uma turma exclusiva de jogadores do Futebol Clube do Porto, tal como o externato Santa Clara; enquanto que, outros jogadores frequentam cursos de formação profissional promovidos pelo próprio Clube e pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Uma das metas do Departamento Pedagógico é fazer com que todos os jogadores, no fim da sua formação desportiva, possuam o 12º ano de escolaridade. Tal objetivo levou o departamento, juntamente com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), à coorganização de um curso de Educação e Formação para Adultos (EFA) denominado “Técnico de Gestão Desportiva”. O mesmo destinou-se a jogadores que possuíam apenas o 9º ano e decorreu nas instalações do estádio do Dragão e na própria Casa do Dragão.

Nesta infraestrutura encontram-se os jovens atletas, com idades compreendidas entre os doze e os dezanove anos. Estes jogadores provêm de culturas diferentes, com gostos e preferências distintas, o que provoca barreiras linguísticas, que inicialmente são consideradas um entrave, mas que com o convívio diário, acabam por se esbater passado algum tempo.

As dinâmicas observadas permitem concluir que os jogadores vivenciam um estado de partilha material e emocional, não só a nível de espaço, mas também de afetos, já que todos passam pelo mesmo processo, vivem na mesma casa, jogam no mesmo clube e, alguns deles, até no mesmo escalão, o que faz com que se aproximem e apoiem mutuamente, pois possuem, como objetivo comum, virem a alcançar o futebol profissional (Pérez, 1994).

Sediado na Casa do Dragão, o Departamento Pedagógico é coordenado pelo diretor, Dr. Ângelo Santos, Psicólogo Clínico, contando com três colaboradores de áreas paralelas: Dr. Nelson Araújo, técnico de Serviço Social; Dra. Joana Pinto e Dra. Daniela Freitas, duas técnicas no âmbito das Ciências da Educação; e Dr. Pedro Assis, Psicólogo Clínica.

A Casa do Dragão é constituída por uma equipa multidisciplinar profissionalizada que ajuda na prestação de cuidados adequados, de forma a permitir o bom funcionamento da instituição e o sucesso dos jovens jogadores de futebol. A equipa técnica possui a seguinte constituição:

Diretor Pedagógico “psicólogo clínico”: Dirige o funcionamento da casa, coordenando os recursos humanos e supervisionando a interação com o restante pessoal (ligado também, a outras áreas, que não a pedagógica). Este profissional solícita aos respetivos serviços competentes informação/esclarecimento de natureza técnica, inerentes ao funcionamento, tendo em vista a sua melhoria. Averigua as necessidades do pessoal que trabalha nesta instituição e propõe e promove ações de formação de acordo com as necessidades e interesses manifestados por estes. Propõe ainda a admissão de pessoal, sempre que o bom funcionamento do serviço o exija. Propõe também a contratação eventual de pessoal na situação de faltas prolongadas de trabalhadores efetivos; a aquisição de equipamentos necessários ao funcionamento da valência e colabora na definição de critérios justos e objetivos para a avaliação periódica da prestação de serviços do pessoal.

Os Orientadores pedagógicos “psicólogos, técnico de serviço social, técnicas de ciências da educação”: os orientadores pedagógicos têm como principais funções: promover a transmissão do conceito “Futebol Clube do Porto”; promover a formação contínua dos intervenientes na “Casa do Dragão”; fomentar comportamentos individuais, coletivos e sociais, intermediários na relação entre os agentes de formação (jogadores) e a ligação aos pais; na gestão de conflitos; na promoção das atividades sociais e lúdicas, que motivem o desenvolvimento intra e inter social; ainda podemos falar da monitorização da vida académica que se constitui como um elemento de ligação entre o fenómeno da profissionalização futebolística e a promoção de fatores de integração dos elementos e das atividades de formação destes.

O Funcionamento da Casa do Dragão: Tal como nos diz Silvério e Strebo (2006), o jogador de futebol é um ser de rotinas. A Casa do Dragão estabelece, por isso as suas próprias rotinas. O despertar na Casa do Dragão efetua-se entre as 7h e as 8h da manhã, dependendo dos horários das aulas. Entre as 7h30 e as 9h00 é servido o pequeno-almoço. As aulas variam em função da escola e do horário estabelecido, podendo começar às 8h30 ou às 9h00 (da parte da manhã) e às 13h30 ou às 14h00, (da parte da tarde).

Os escalões de Sub-16, Sub-17 e sub-19 têm treinos de manhã e, por vezes, também de tarde. Todos os outros escalões treinam de tarde. O almoço é servido depois dos compromissos desportivos e escolares matinais, entre as 12h00 e as 14h00. Seguem-se as aulas da parte da tarde, ou um período de descanso, podendo este tempo ser gerido pelo jogador, para o estudo, ou lazer. Posteriormente, os residentes lancham e dirigem-se para os treinos. Depois segue-se o jantar, servido entre as 20h00 e as 22h00. Em seguida o descanso, estudo, ou lazer. Às 23h00 a internet é desligada, assim como a televisão. Todos os atletas têm disponível uma ceia. De realçar, que toda e qualquer refeição na Casa do Dragão (bem como em toda a estrutura desportiva de competição do FC Porto) é supervisionada por nutricionistas, sob orientação do Departamento Médico, e, de certa forma, do Departamento Pedagógico. Este último pretende demonstrar aos jogadores, a importância de uma correta e equilibrada alimentação, com o fim de obter bons resultados. Durante o fim-de-semana mantêm-se exatamente os mesmos horários, exceto em dias de jogo, que podem sofrer alterações consoante as horas destes.

5.4. Conclusão

As organizações existem, porque todos precisamos de bens e serviços para viver e são as organizações as responsáveis por produzir esses bens e serviços. Portanto as organizações existem para atender às necessidades e desejos da sociedade e do mercado (Coelho, 2004).

De acordo com Schein (1982), a organização é um sistema social complexo, que deve ser estudado, quando se deseja realmente compreender o comportamento individual. Para ele as organizações existem em função de quatro propriedades principais, o da coordenação, o dos objetivos comuns, o da divisão do trabalho e o da integração. Quando diversas pessoas coordenam os seus esforços, verificam que no seu conjunto, conseguem realizar mais, do que qualquer uma delas conseguiria, se o fizesse sozinha (Schein, 1982).

As organizações são, portanto, um campo rico de processos psicológicos e psicossociais, essenciais à própria constituição do fenómeno organizacional e com profundo impacto sobre o trabalho, as pessoas e a sociedade Carvalho (1994).

Para o desenvolvimento do desporto e a sua implementação social, o clube desportivo assume um papel decisivo na organização e estruturação das atividades desportivas. É no clube que se realizam os projetos desportivos e se tenta chamar um maior número de pessoas á adesão da atividade. O clube é, talvez, a face de cada atividade desportiva Carvalho (1994).

Os clubes desportivos foram, desde o surgimento da prática desportiva moderna no nosso país, os grandes responsáveis pelo desenvolvimento do desporto nacional. O autor reforça a ideia anterior, afirmando que os clubes e as suas organizações de tipo associativo, são o eixo nuclear de qualquer política de desenvolvimento desportivo, pois são a célula base de toda a estruturação da atividade desportiva Carvalho (1994).

PARTE II

CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO VI – ESTUDO EMPÍRICO

6.1. Introdução

O objetivo geral da presente investigação é averiguar o processo de integração, acolhimento, identidade e desenvolvimento psicossocial dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão. Tal como explicitamos anteriormente, a Casa do Dragão é uma estrutura do Futebol Clube do Porto. Assim, a nossa investigação assenta sempre nos parâmetros da integração, do acolhimento e do desenvolvimento psicossocial que os agentes desportivos do Futebol Clube do Porto, efetuam junto das crianças e jovens adolescentes que envergam a camisola do clube.

No presente capítulo apresentaremos o estudo empírico, começando por expor os objetivos específicos da presente investigação e respetivas hipóteses, as variáveis dependentes e independentes e o método.

6.2. Justificação do estudo

Dada a escassez de matéria teórica em Portugal, sobre integração desportiva, acolhimento de jovens futebolistas, identidade e desenvolvimento psicossocial no contexto desportivo, faz todo o sentido efetuar uma investigação neste âmbito. Aliado ao facto de ter realizado o estágio curricular na Casa do Dragão (Futebol Clube do Porto), e de ter constatado que um futuro estudo sobre a temática poderia ser uma mais-valia para o departamento pedagógico do Futebol Clube do Porto.

Nesse sentido, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno da integração, do acolhimento e do desenvolvimento psicossocial no contexto desportivo, mais propriamente no futebol.

6.3. Objetivo geral

O objetivo geral da presente investigação é conhecer e perceber a integração, acolhimento, desenvolvimento psicossocial e a identidade que é realizado na formação do Futebol Clube do Porto, mais propriamente na Casa do Dragão. Averiguar e

comparar estes processos nos jovens residentes na Casa do Dragão, com os não-residentes na Casa.

Adicionalmente, pretendemos descrever, as variáveis em análise (idade, escalão e número de anos ao serviço do clube). Este objetivo geral está operacionalizado em objetivos específicos.

6.4. Hipóteses

Tendo em linha de consideração a revisão bibliográfica realizada e os diversos estudos encontrados, bem como as variáveis dependentes e independentes consideradas na presente investigação, foram definidas as seguintes hipóteses de orientação:

H1 Existem diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação à PI (orientação da identidade pessoal), à RI (orientação da identidade relacional), à SI (orientação da identidade social) e à CI (orientação da identidade coletiva) (eg: Archer & Watterman, 1994; Bosma, 1994; Meeus, Iedema, Helsen & Vollebergh, 1999; Mattesen, 1972; Neto, 2009; Robins & Trzesniewski, 2005; Sahlins, 2007; Simmel, 1967; Thorne & Michaelieu, 1996; Zacarés, 1997).

H2 Existem diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação às escalas EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização) (eg: Bronfenbrenner 1996; Borsari, 1989; Cairns, 2002; Cruz, 2003; Rocher 1989; Schnapper, 2007; Zurita & del Valle, 2005).

H3 Existem diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação a RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Neto, 2009; Papalia et al., 2009).

H4 Existem diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube e PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva) (eg: Ferreira, Neves, Abreu & Caetano, 2001; Neto, 2009).

H5 Existem diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube e as escalas EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização) (eg: Rocher 1989).

H6 Se existem diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube e RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Neto,2009).

H7 Existem diferenças significativas entre o escalão futebolístico e o PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva) (eg: Lourenço, 2003).

H8 Existem diferenças significativas entre o escalão futebolístico e o acolhimento, as escalas EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização) (eg: Cabral & Nick, 2006; Lourenço, 2003).

H9 Existem diferenças significativas entre o escalão futebolístico e o RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Neto, 2009; Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Papalia et al., 2009).

H10 Existem diferenças significativas entre a idade e o PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva) (eg: Neto, 2009; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silvares, 2003; Kimmel e Weiner, 1998).

H11 Existem diferenças significativas entre a idade e as escalas EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização) (eg: Rocher,1989).

H12 Existem diferenças significativas entre a idade e as escalas, RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Neto, 2009).

6.5. Variáveis

As variáveis de um estudo podem ser dependentes e independentes (Almeida & Freire, 1997a). A variável independente é aquela que se torna passível de ser manipulada, permitindo ao investigador conhecer o seu impacto numa outra variável, designada como variável dependente (idem). Pode dizer-se que é uma relação de antecedente para consequente, de causa para efeito (idem). Desta forma, chama-se, em alguns casos, variável experimental ou de tratamento, seguindo atentamente a especificidade do tipo de estudo em causa. Em alguns casos a variável independente torna-se ativa quando é manipulável ou manipulada no estudo (idem). Neste sentido, a variável dependente define-se como a característica que surge ou muda quando o investigador aplica, suprime ou modifica a variável independente (idem).

6.5.1 Variáveis dependentes

As variáveis dependentes deste estudo são: a integração, o acolhimento e a identidade.

6.5.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes deste estudo são: a idade, o número de anos ao serviço do clube e o escalão.

6.6. Método

A presente investigação tem um cariz observacional, na medida em que pretende fornecer uma imagem precisa de um determinado fenómeno. Trata-se de um método puramente descritivo que permite estabelecer uma representação clara do fenómeno, e/ou sugerir hipóteses que poderão ser testadas posteriormente, e/ou ainda predizer um acontecimento com uma margem de certeza razoável. (Poeschl, 2006).

Para além de ser um estudo observacional, o estudo é transversal e comparativo. Os estudos transversais fornecem informações sobre as diferenças de desenvolvimento entre as diferentes faixas etárias, mais do que sobre as mudanças na mesma pessoa. As vantagens do método transversal incluem rapidez e economia, pois os dados podem ser

reunidos com bastante rapidez a partir de um grande número de pessoas. (Poeschl,2006).

Os estudos comparativos entre grupos focam dois ou mais grupos, escolhidos com base no critério de um grupo possuir uma característica de interesse para o estudo e o outro não. Os dados são recolhidos em vários momentos do período de estudo. (Ribeiro, 1999).

6.6.1. Caracterização dos participantes

O presente estudo integrou 40 participantes (jogadores), dos quais vinte participantes (jogadores), são residentes na Casa do Dragão e os restantes 20 são não residentes na Casa do Dragão. As suas características sociodemográficas encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1
Caracterização sócio-demográfica dos participantes

	n	P
Residência		
Residentes	20	44.4%
Não residentes	20	44.4%
Idade		
12 aos 13 anos/infantis	6	13.3%
14 aos 15 anos /iniciados	16	35.6%
16 aos 17 anos/ juvenis	10	22.2%
17 aos 19 anos /juniores	8	17.8%
Número de anos ao serviço do clube		
1 a 3 anos	28	62.2%
4 a 6 anos	9	20%
7 e mais anos	3	6.7%
Escalão		
Infantis sub-12/sub-13	2	4.4%
Iniciados sub-14/sub-15	18	40%
Juvenis sub-16/sub-17	11	24.4%
Juniores sub-18/sub-19	9	20%

De acordo com a nossa amostra, verifica-se que temos 20 (44,4%) jogadores residentes e 20 (44,4%) jogadores não-residentes e que estes tem idades compreendidas entre os 12 anos e os 19 anos.

6.6.2. Caracterização dos instrumentos

Os instrumentos utilizados na presente investigação foram o Questionário sobre desenvolvimento psicossocial, integração e acolhimento (QDP), a escala Dellas identity status inventory – occupation (DISI) e o questionário AIQ-IV.

6.6.2.1. Dellas identity status inventory- occupation (DISI)

A escala DISI-O pretende avaliar a identidade vocacional dos indivíduos em quatro estatutos baseados na taxonomia desenvolvida por Márcia (1964) designados por realização da identidade, identidade em moratória, adoção de identidade e difusão de identidade. Cada estatuto, tal como foi referido na introdução, caracteriza-se pela presença/ausência e grau de exploração de alternativas e pelo grau de investimento efetivo e de ação em questões de identidade vocacional.

É uma escala composta por 35 itens com resposta tipo likert permitindo aos sujeitos cinco alternativas de resposta a cada item: totalmente de acordo comigo (A), de acordo comigo (B), nem de acordo nem em desacordo comigo (C), em desacordo comigo (D) e totalmente em desacordo comigo (E). Cada resposta pode ser cotada numa escala de 5 pontos, em que A vale 5 pontos, B vale 4, C vale 3, D vale 2 e E vale 1 ponto, respetivamente. O resultado para cada estatuto de identidade obtém-se pela soma dos itens que a constituem.

O estudo da validade (conteúdo, constructo, empírica) e da fidelidade (consistência interna e estabilidade dos resultados) da versão portuguesa do DISI-O apresentou resultados satisfatórios que asseguram a qualidade do instrumento para avaliar a identidade no domínio vocacional.

6.6.2.2. Questionário sobre desenvolvimento psicossocial, integração

e acolhimento: O questionário sobre desenvolvimento psicossocial, integração e acolhimento foi desenvolvido por Martins e Gonçalves (2012), e tem como objetivo avaliar as dimensões da integração, do desenvolvimento psicossocial e do acolhimento.

É constituído por quatro escalas, a escala A, escala de acolhimento, que engloba questões sobre o acolhimento, a escala I, escala de integração, que engloba questões

sobre a integração, a escala S, escala de socialização que engloba questões sobre a socialização e a escala IS, escala de integração e socialização, que engloba questões sobre a integração e a socialização.

É uma escala composta por 35 itens com resposta tipo likert permitindo aos sujeitos cinco alternativas de resposta a cada item: totalmente de acordo comigo (A), de acordo comigo (B), nem de acordo nem em desacordo comigo (C), em desacordo comigo (D) e totalmente em desacordo comigo (E).

6.6.2.3. AIQ-IV

Concebida pelos autores Cheek, Smith e Troop em 2002, o questionário dos aspetos da identidade pretende avaliar a identidade dos jovens adolescentes.

Constituído por quarenta e cinco itens, com resposta tipo likert permitindo aos sujeitos cinco alternativas de resposta a cada item: 1= Não muito importante para explicar quem sou, 2= Relativamente importante para explicar quem sou, 3= Mais ou menos importante para explicar quem sou, 4= Muito importante para explicar quem sou, 5= Extremamente importante para explicar quem sou.

O questionário dos aspetos da identidade é composto por cinco sub-escalas que avaliam os diferentes aspetos da identidade. A escala PI, corresponde á orientação da identidade pessoal e engloba as questões número, 2 5 8 11 14 18 21 25 27 32. A escala RI, corresponde á orientação da identidade relacional e engloba as questões número, 22 26 28 31 34 35 37 39 41 43. A escala SI, corresponde á orientação da identidade social e engloba as questões 2 6 9 12 15 17 20. A escala CI, corresponde á orientação da identidade coletiva e engloba as questões número, 4 7 10 13 24 29 38 42. A escala SP, corresponde aos itens especiais e engloba as questões número, 1 16 19 23 30 33 36 40 44 45.

6.6. Procedimento

Pediu-se autorização ao Diretor da Casa do Dragão “para se passar os questionários referentes ao estudo que estávamos a realizar. Esse pedido foi feito por

Carta à Direção da Casa do Dragão, donde constam os instrumentos a utilizar e o objetivo geral da investigação.

Quanto ao Consentimento informado “significa que a pessoa tem capacidade de consentir, foi informada apropriadamente quanto à natureza da relação profissional, expressou o consentimento livremente e este foi devidamente documentado”. O respeito pelos outros, os Psicólogos mostram respeito pela integridade pessoal dos indivíduos com quem trabalham e tomam cuidado para proteger os direitos individuais à privacidade, confidencialidade, autodeterminação e autonomia. Não tiram vantagens da relação profissional para obter ganhos injustificados ou irrazoáveis.

O consentimento escrito do cliente ou participantes em investigação é obrigatório quando se trate de gravação áudio, vídeo, fotografia ou flime. Para visualização, difusão ou outra utilização deste material, é necessário consentimento adicional em que seja evidente aonde, quando, quem e em que forma o material vai ser utilizado. Informação acerca de quanto tempo o material será guardado deve ser incluída. Se os clientes ou participantes em investigação retirem o seu consentimento o material será imediatamente destruído.

A administração dos instrumentos aos participantes decorreu nas instalações da Casa do Dragão. Procedeu-se á administração dos questionários aos jogadores residentes e não residentes da Casa do Dragão em dois dias.

O presente estudo e os seus objetivos foram apresentados ao diretor pedagógico da Casa do Dragão. Os jogadores foram informados do objetivo do estudo e da forma como o mesmo decorreria, tendo-se explicitado o carácter não obrigatório da sua participação, mediante consentimento verbal livre e esclarecido dos participantes.

Cada jogador respondia aos questionários segundo a seguinte ordem, primeiro o questionário AIQ-IV, segundo o QDP e depois o questionário Dellas. Quando os jogadores tinham dúvidas sobre o respetivo preenchimento dos questionários, tivemos a preocupação de esclarecer devidamente no momento.

CAPÍTULO VII – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo começaremos por fazer a descrição dos resultados (correlacionais e diferenciais), em que falaremos de correlações entre jogadores residentes e não-residentes; integração; acolhimento; identidade e número de anos ao serviço do clube; idade e escalão.

Seguidamente, propomos apresentar a análise diferencial, i.e., analisar diferenças entre jogadores residentes e jogadores não-residentes segundo as variáveis: integração, acolhimento e identidade.

Após a recolha dos dados, procedeu-se ao seu tratamento. Utilizou-se para esse fim o programa informático de análise de dados – *S.P.S.S. – Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20.0.

7.1. Análise Diferencial

Procedeu-se á análise das diferenças entre jogadores residentes e não-residentes relativamente ao AIQ-IV.

Tabela 1
Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao AIQ-IV (PI, RI, CI, SP)

AIQIV	Residentes		Não Residentes		<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
	M	DP	M	DP			
PI	41.40	4.512	38.70	5.283	1.738	38	.090
RI	40.70	4.846	40.45	4.025	.177		.860
SI	24.05	3.456	24.15	4.056	-.084		.934
CI	28.75	3.552	26.40	5.225	1.663		.104
SP	37.25	4.229	36.10	5.581	.734		.467
Total	167.65	12.922	161.90	18.513	1.139		.262

$p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

AIQ-IV (Questionário dos aspetos da identidade); PI (Orientação da identidade pessoal); RI (Orientação da identidade relacional); SI (Orientação da identidade social); CI (Orientação da identidade coletiva); SP (Itens especiais); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

No que diz respeito às diferenças relativamente aos jogadores residentes e não-residentes, no que concerne ao AIQIV, verificamos que em relação ao primeiro item PI

(orientação da identidade pessoal), constatamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M=41.40 DP=4.51] quando comparadas com os não residentes [t(38) M=38.70 DP=5.28], sendo que estas diferenças não são significativas [t(38)=1.73, p≤.0.09] (cf. Tabela 1).

Para o item RI (orientação da identidade pessoal), verificamos o mesmo, em que os jogadores residentes apresentam valores superiores comparativamente com os jogadores não residentes, verificamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M=40.70 DP=4.86] quando comparadas com os não residentes [t(38) M=40.45 DP=4.02], sendo estas diferenças não significativas (cf. Tabela 1).

No item SI (orientação da identidade pessoal), verificamos o contrário em que os jogadores não residentes apresentam valores superiores comparativamente com os não residentes. Analisamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M=24.05, DP=3.46] quando comparadas com os não residentes [t(38) M=24.15, DP=4.06], sendo estas diferenças não significativas (cf. Tabela 1).

Tabela 2

Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao QDP (EA, EI, ES e IS)

QDP	Residentes		Não Residentes		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
EA	28.40	4.914	37.10	9.222	-3.723	38	.001***
EI	28.70	7.938	36.30	9.009	-2.829		.007
ES	15.50	3.395	22.65	5.441	-4.986		.000***
IS	22.50	4.286	24.85	4.671	-1.658		.106
Total	95.10	9.290	120.90	25.020	-4.323		.000***

p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

QDP (Questionário de Desenvolvimento Psicossocial); EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Analisando as diferenças entre os jogadores residentes e não residentes relativamente ao questionário sobre desenvolvimento psicossocial, verificamos que para EA, escala de acolhimento, a média é superior nos não residentes comparativamente com a média dos residentes, verificamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M= M=28.40, DP= DP=9.22] quando comparadas com os não

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

residentes [t(38) M=37.10, DP=4.91 sendo estas diferenças significativas [t(38)=-3.72, p≤.0.001]] (cf. Tabela 2).

Para o item EI (escala de integração), a média é novamente superior nos jogadores não residentes.

Verificamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M=36.30, DP=7.94] quando comparadas com os não residentes [t(38) M=28.70,DP=9.01] sendo estas diferenças não significativas (cf. Tabela 2).

Para o item ES (escala de socialização), a média é novamente superior nos jogadores não residentes.

Constatamos que os jogadores residentes apresentam uma média superior [t(38) M=22.50, DP=4.29] quando comparados com os não residentes [t(38) M=24.85, DP=4.67], sendo estas diferenças significativas [t(38)=-4.32, p≤.0.000] (cf. Tabela 2).

Enquanto que o item IS (Escala de Socialização/Integração), a média é superior nos jogadores não residentes.

Verificamos que os jogadores residentes apresentam uma média inferior [t(38) M=22.50, DP=4.29] quando comparadas com os não residentes [t(38) M=24.85, DP=4.67] sendo estas diferenças não significativas (cf. Tabela 2).

Tabela 3
Diferenças entre residentes e não-residentes relativamente ao Dellas (RDI, IEM, ADI e Total)

DELLAS	Residentes		Não Residentes		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
RDI	18.35	7.569	19.25	5.310	-.435	38	.666
IEM	15.30	6.148	14.15	3.964	.703		.486
ADI	12.60	2.909	14.05	4.286	-1.252		.218
DDI	17.20	3.665	17.30	4.578	-.076		.940
Total	93.20	18.472	93.60	12.458	-.080		.936

p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

DELLAS (Inventário do estado da identidade); RDI (Realização de identidade); IEM (Identidade em moratória); ADI (Adoção de identidade); DDI (Difusão de identidade); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Analisando as diferenças existentes entre os jogadores residentes e não residentes verificamos que em relação ao primeiro item o RDI (realização de identidade), a média dos jogadores residentes, [t(38) M=18.35, DP=7.569] é inferior á média dos jogadores não residentes, [t(38) M=19.25, DP=5.310] sendo que as diferenças não são significativas (cf. Tabela 3).

Para o item IEM (identidade em moratória), verifica-se o contrário, a média dos jogadores não residentes, [t(38) M= 14.15 DP=3.964] é inferior á dos residentes, [t(38) M=15.30 DP=6.148], sendo que as diferenças não são significativas (cf. Tabela 3).

No item seguinte, ADI (adoção de identidade), constata-se que a média dos jogadores residentes [t(38) M= 12.60 DP=2.909] é inferior quando comparada com os jogadores não residentes, [t(38) M= 14.05 DP=4.286], sendo que as diferenças não são significativas [t(38)=-1.252, p≤.0.218] (cf. Tabela 3).

Para o último item deste teste DDI (difusão de identidade), a média dos jogadores não residentes, [t(38) M= 17.30 DP=4.578] é superior á dos jogadores residentes, [t(38) M= 17.20 DP=3.66], sendo que as diferenças não são significativas [t(38)=-, 076 p≤-940] (cf. Tabela 3).

7.2. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos);

Tabela 4
Anova AIQ-IV e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos)

AIQV	1 a 3 anos				4 a 6 anos				7 e mais anos			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p
PI	39.54(4.718)	2	2,920	.066	43.00(4.00)	2	2.920	.066	36.00 (7.937)	2	2.920	.066
RI	40.25 (4.527)	2	1.192	.315	42.33(3.674)	2	1.192	.315	38.33(5.033)	2	1.192	.315
SI	24.16(3.432)	2	.067	.936	24.11(4.045)	2	.067	.936	23.33(6.658)	2	.067	.936
CI	27.50(2.459)	2	.119	.888	28.11(5.510)	2	.119	.888	26.67(11.015)	2	.119	.888
SP	35.93(4.973)	2	1.350	.272	39.00(4.528)	2	1.350	.272	35.67(4.933)	2	1.350	.272
Total	163.29(13.457)	2	1,236	.302	171.67(16.608)	2	1.236	.302	158.00(33.451)	2	1.326	.302

p ≤ . 05; ** p ≤ . 01; *** p ≤ .001

AIQ-IV (Questionário dos aspetos da identidade); PI (Orientação da identidade pessoal); RI (Orientação da identidade relacional); SI (Orientação da identidade social); CI (Orientação da identidade coletiva); SP (Itens especiais); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Analisando a tabela, verificamos que o valor de média mais elevado, corresponde ao item PI (orientação da identidade pessoal), (M=43.00), e os anos ao serviço do clube (dos 4 a 6 anos).

Por sua vez, o valor mais baixo corresponde ao item SI (orientação da identidade social), (M=24.11), e os anos ao serviço do clube (dos 4 aos 6 anos).

Em relação ao desvio-padrão obtemos o valor mais elevado de (DP=11.02), referente ao item CI (orientação da identidade coletiva), e o valor mais baixo de, (DP=4.00) para o item PI (orientação da identidade pessoal).

Sendo o item PI marginalmente significativo ($p \leq 0.06$), os restantes itens apresentam valores não significativos (cf. Tabela 4).

Tabela 5
Anova QDP e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos)

QDP	1 a 3 anos				4 a 6 anos				7 e mais anos			
	M (DP)	gl	F	p	M (DP)	gl	F	p	M (DP)	gl	F	p
EA	31.89(6.454)	2	2.351	.109	32.11(11.274)	2	2.351	.109	42.67(13.614)	2	2.351	.109
EI	32.46(7.172)	2	.013	.987	32.33(14.353)	2	.013	.987	33.33(11.846)	2	.013	.987
ES	19.14(4.704)	2	.848	.436	17.67(7.566)	2	.848	.436	22.67(9.504)	2	.848	.436
IS	24.21(4.324)	2	1.137	.332	21.67(5.074)	2	1.137	.332	24.67(5.508)	2	1.137	.332
Total	107.71(14.137)	2	.831	.444	103.78(36.694)	2	.831	.444	123.33(39.716)	2	.831	.444

$p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

QDP (Questionário de Desenvolvimento Psicossocial); EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização); M (Média); DP (Desvio Padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Analisando a tabela, verificamos que o valor da média mais elevado, corresponde á escala de integração e a 7 e mais anos ao serviço do clube (M=33.33), Por sua vez, o valor mais baixo corresponde á escala de socialização, (M=17.67), dos 4 a 6 anos ao serviço do clube.

Em relação ao desvio-padrão obtemos o valor mais elevado de, (DP= 13.614), referente á escala de acolhimento, e o valor mais baixo de, (DP=4.324), para a escala de integração e socialização (orientação da identidade pessoal).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Em termos de significância não existem valores significativos nesta tabela (cf.

Tabela 5).

Tabela 6

Anova Dellas e o número de anos ao serviço do clube (1 a 3anos; 4 a 6 anos e 7 e mais anos)

Dellas	1 a 3 anos				4 a 6 anos				7 e mais anos			
	M (DP)	gl	F	p	M (DP)	gl	F	p	M (DP)	gl	F	p
RDI	18.00(5.340)	2	2.884	.069	22.78(8.899)	2	2.884	.069	14.33(2.082)	2	2.884	.069
IEM	14.21(3.665)	2	.566	.572	16.33(8.860)	2	.566	.572	14.67(2.082)	2	.566	.572
ADI	13.29(3.113)	2	.442	.646	14.00(5.477)	2	.442	.646	11.67(2.082)	2	.442	.646
DDI	17.54(3.737)	2	.225	.799	16.67(5.745)	2	.225	.799	16.33(1.528)	2	.225	.799
Total	92.57(12.931)	2	1.207	.311	99.11(23.289)	2	1.207	.311	84.00(1.000)	2	1.207	.311

$p \leq .05$; $** p \leq .01$; $*** p \leq .001$

DELLAS (Inventário de estado da identidade); RDI (Realização de identidade); IEM (Identidade em moratória); ADI (Adoção de identidade); DDI (Difusão de identidade); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Nesta tabela constatamos que o valor de, (M=22.78), referente a RDI (realização de identidade), corresponde ao valor mais elevado de média. Pelo contrário o valor de, (M=11.67), referente a ADI (difusão de identidade), corresponde ao valor mais baixo de média.

Analisando o desvio-padrão verificamos que, (DP=8.899), referente á escala de RDI (realização de identidade), constitui-se como o valor mais elevado, contrariamente a (DP=1.528), referente á escala de difusão de identidade, como sendo o valor mais baixo.

Não existem valores significativos para os vários itens desta escala (cf. Tabela 6).

7.3. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores);

Tabela 7
Anova AIQ-IV e o escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores)

AIQI V	Infantis				Iniciados				Juvenis				Juniores			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	P	M (DP)	Gl	F	p	M(DP)	Gl	F	p
PI	34.00(9.899)	3	2.201	.105	38.89(5.167)	3	2.201	.105	41.45(4.525)	3	2.201	.105	42.00(3.162)	3	2.20	.105
RI	34.50(2.121)	3	2.855	.051	39.50(5.067)	3	2.855	.051	41.91(2.212)	3	2.855	.051	42.44(3.909)	3	2.86	.051*
SI	19.50(4.950)	3	1.507	.229	24.17(3.365)	3	1.507	.229	23.73(4.338)	3	1.507	.229	25.44(3.046)	3	1.51	.229
CI	22.00(11.314)	3	4.191	.012	28.06(3.489)	3	4.191	.012	25.27(3.508)	3	4.191	.012	30.67(4.183)	3	4.19	.012*
SP	33.50(3.536)	3	1.188	.328	35.56(5.227)	3	1.188	.328	37.45(4.458)	3	1.188	.328	38.67(4.796)	3	1.19	.328
Total	140.00(28.284)	3	3.661	.021	161.67(14.349)	3	3.661	.021	166.0(9.14.167)	3	3.661	.021	174.8(9.13.071)	3	3.66	.021*

*p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

AIQ-IV (Questionário dos aspetos da identidade); PI (Orientação da identidade pessoal); RI (Orientação da identidade relacional); SI (Orientação da identidade social); CI (Orientação da identidade coletiva); SP (Itens especiais); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Em relação á tabela da Anova AIQIV, referente ao escalão, podemos constatar os seguintes resultados.

O valor da média mais elevado corresponde a (M=42.44), referente á escala RI (orientação da identidade relacional), e o valor mais baixo, corresponde a, (M=19.50), para SI (orientação da identidade social).

O desvio padrão nesta tabela varia de (DP=9.89), referente a PI (orientação da identidade pessoal), para o valor mais baixo de, (DP=2.12), de RI (orientação da identidade relacional).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Em termos de significância verificamos existirem valores significativos na escala de CI (orientação da identidade coletiva), ($p=0.01$), pois apresenta uma significatividade média positiva e na escala RI também apresenta um valor significativo ($p=0.05$), também o total da escala é significativo (cf. Tabela 7).

Tabela 8
Anova QDP- escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores)

QDP	Infantis				Iniciados				Juvenis				Juniores			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	P	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p
EA	42.50(21.920)	3	1.740	.176	30.94(7.495)	3	1.740	.176	31.36(5.278)	3	1.740	.176	35.89(9.740)	3	1.740	.176
EI	36.50(14.849)	3	.315	.814	32.56(8.597)	3	.315	.814	30.64(6.637)	3	.315	.814	33.78(12.833)	3	.315	.814
ES	25.00(9.899)	3	.836	.483	18.22(5.105)	3	.836	.483	19.36(5.182)	3	.836	.483	19.11(7.061)	3	.836	.483
IS	27.00(5.657)	3	1.304	.288	22.28(4.041)	3	1.304	.288	25.09(4.784)	3	1.304	.288	24.00(5.000)	3	1.304	.288
Total	131.00(52.326)	3	1.017	.396	104.00(15.549)	3	1.107	.396	106.4(5.18896)	3	1.017	.396	112.78(32.003)	3	1.107	.396

$p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

QDP (Questionário de Desenvolvimento Psicossocial); EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Nesta tabela constatamos que o valor da média mais elevado corresponde á escala de EA (escala de acolhimento), ($M=42.50$), enquanto que, o valor da média mais baixo corresponde á escala ES (escala de socialização), ($M=18.22$).

Em relação ao desvio-padrão, verificamos que o valor mais elevado é de ($DP=21.920$), para a escala EA (escala de acolhimento), enquanto que, o valor mais baixo é de, ($DP=4.041$) para a escala IS (escala de integração e socialização).

Não existem valores significativos nesta tabela (cf. Tabela 8).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Tabela 9
Anova Dellas- escalão (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores)

Dellas	Infantis				Iniciados				Juvenis				Juniores			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	P	M (DP)	Gl	F	p	M(DP)	Gl	F	p
RDI	18.00(4.243)	3	3.369	.029	16.78(5.331)	3	3.369	.029	23.64(7.527)	3	3.369	.029	17.11(5.085)	3	3.369	.029*
IEM	13.00(.000)	3	1.227	.314	13.33(3.662)	3	1.227	.314	16.91(7.648)	3	1.227	.314	15.22(3.898)	3	1.227	.314
ADI	15.00(.000)	3	3.489	.025	13.17(3.569)	3	3.489	.025	15.45(3.588)	3	3.489	.025	10.67(2.872)	3	3.489	.025*
DDI	17.00(2.828)	3	1.424	.252	16.28(4.885)	3	1.424	.252	19.36(1.804)	3	1.424	.252	16.67(4.153)	3	1.424	.252
Total	89.50(9.192)	3	3.050	.041	88.44(14.786)	3	3.050	.041	104.5(17.357)	3	3.050	.041	90.56(9.409)	3	3.050	.041*

*p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

DELLAS (Inventário de estado da identidade); RDI (Realização de identidade); IEM (Identidade em moratória); ADI (Adoção de identidade); DDI (Difusão de identidade); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Nesta tabela, referente á variável escalão, verificamos que o valor mais elevado da média encontra-se na escala RDI (realização de identidade), (M=23.64), enquanto que, o valor mais baixo encontra-se na escala ADI (adoção de identidade), (M=10.67).

Para os valores de desvio-padrão existentes na tabela, constatamos que, o valor mais elevado se verifica na escala IEM (identidade em moratória), (DP=7.648). Por sua vez o valor mais baixo do desvio-padrão encontra-se nas escalas IEM e ADI, (DP=.000).

Analisando o grau de significância, verificamos que existe um valor significativo para o total da escala (p=.041), para a escala RDI temos um (p=.02) e para a escala ADI temos um (p=.03) (cf. Tabela 9).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

7.4. Resultados Diferenciais relativos á AIQ-IV; QDP; DELLAS e á idade (12 aos 13 anos, 14 aos 15 anos, 16 aos 17 anos e 17 aos 19 anos);

Tabela 10

Anova AIQ-IV- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos)

AIQIV	12 aos 13 anos				14 aos 15 anos				16 aos 17 anos				17 aos 19 anos			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p
PI	41.33(7.421)	3	3.464	.026	37.19(4.053)	3	3.464	.026	42.10(4.358)	3	3.464	.026	42.25(3.284)	3	3.464	.03*
RI	40.17(7.250)	3	1.766	.171	38.88(3.931)	3	1.766	.171	42.00(2.211)	3	1.766	.171	42.50(4.175)	3	1.766	.171
SI	21.67(2.875)	3	1.344	.275	24.19(3.834)	3	1.344	.275	24.20(4.104)	3	1.344	.275	25.63(3.204)	3	1.344	.275
CI	25.67(6.218)	3	2.239	.100	27.50(4.017)	3	2.239	.100	26.20(3.553)	3	2.239	.100	30.88(4.422)	3	2.239	.100
SP	37.00(4.00)	3	3.089	.039	34.13(5.315)	3	3.089	.039	39.30(2.908)	3	3.089	.039	38.25(4.950)	3	3.089	.04*
Total	162.17(21.995)	3	3.111	.038	157.31(13.651)	3	3.111	.038	170.00(12.365)	3	3.111	.038	175.13(13.953)	3	3.111	.04*

*p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

AIQ-IV (Questionário dos aspetos da identidade) (PI (Orientação da identidade pessoal); RI (Orientação da identidade relacional); SI (Orientação da identidade social); CI (Orientação da identidade coletiva); SP (Itens especiais); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Em relação às médias desta tabela, verificamos que o valor mais elevado encontra-se na escala RI (orientação da identidade relacional), (M=42.50), referente ao intervalo de idades dos 17 aos 19 anos. O valor mais baixo da média verifica-se na escala SI (orientação da identidade social), (M=21.67), na idade dos 12 aos 13 anos.

Os valores do desvio-padrão variam entre (DP=7.421), como sendo o valor mais elevado e (DP=2.211), como sendo o valor mais baixo.

Em termos de significatividade constatamos que existem valores significativos, como, (p=.03), (p=.04) e (p=.04), nas escalas PI (Orientação da identidade pessoal), SP (Itens especiais) e no total (cf. Tabela 10).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Tabela 11

Anova QDP- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos)

QDP	12 aos 13 anos				14 aos 15 anos				16 aos 17 anos				17 aos 19 anos			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p
EA	31.50(14.433)	3	.096	.962	32.44(6.582)	3	.096	.962	33.80(10.326)	3	.096	.962	33.00(4.751)	3	.096	.962
EI	35.17(14.120)	3	.369	.776	32.63(5.875)	3	.369	.776	32.80(12.848)	3	.369	.776	29.88(5.617)	3	.369	.776
ES	18.67(6.890)	3	.564	.642	19.19(5.128)	3	.564	.642	20.70(7.364)	3	.564	.642	17.13(4.051)	3	.564	.642
IS	22.67(6.593)	3	1.520	.226	22.81(2.971)	3	1.520	.226	26.30(5.458)	3	1.520	.226	22.88(3.944)	3	1.520	.226
Total	108.00(29.907)	3	.328	.805	107.06(16.027)	3	.328	.805	113.60(33.656)	3	.328	.805	102.88(12.722)	3	.328	.805

*p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

QDP (Questionário de Desenvolvimento Psicossocial) EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

Esta tabela mostra-nos que o valor da média mais elevado é de (M=35.17) referente á escala de integração, enquanto que, o valor da média mais baixo é o de (M=17.13), referente á escala de socialização.

Os valores do desvio-padrão oscilam entre (DP=14.433), como o valor mais elevado e o (DP=2.971), como valor mais baixo.

Averiguando os valores de p, verificamos que não existem valores significativos nesta tabela (cf. Tabela 11).

Estádios de Desenvolvimento da Pré-adolescência e do Adolescente, a identidade, a questão Pedagógica na Escolinha de Futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as Organizações Desportivas

Tabela 12

Anova Dellas- idade (12 aos 13anos,14 aos 15 anos,16 aos 17 anos, 17 aos 19 anos)

Dellas	12 aos 13 anos				14 aos 15 anos				16 aos 17 anos				17 aos 19 anos			
	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p	M (DP)	Gl	F	p
RDI	13.67(5.888)	3	7.161	.001	18.25(4.266)	3	7.161	.001	25.00(7.134)	3	7.161	.001	16.00(4.106)	3	7.161	.001
IEM	11.33(3.615)	3	2.650	.063	13.56(3.346)	3	2.650	.063	17.60(7.691)	3	2.650	.063	16.00(3.338)	3	2.650	.063
ADI	15.17(2.927)	3	1.918	.144	13.44(4.066)	3	1.918	.144	10.88(2.997)	3	1.918	.144	13.33(2.997)	3	1.918	.144
DDI	16.00(2.366)	3	.314	.815	17.06(5.310)	3	.314	.815	18.00(3.559)	3	.314	.815	17.63(3.204)	3	.314	.815
Total	84.00(10.973)	3	2.902	.048	90.94(14.364)	3	2.902	.048	104.30(19.131)	3	2.902	.048	91.75(9.301)	3	2.902	.05*

*p ≤ .05; ** p ≤ .01; *** p ≤ .001

DELLAS (Inventário de estado da identidade) RDI (Realização de identidade); IEM (Identidade em moratória); ADI (Adoção de identidade); DDI (Difusão de identidade); M (Média); DP (Desvio padrão); Gl (Graus de liberdade); F (Anova); P (Grau de significância);

A tabela 12 apresenta valores da média entre, (M=25.00), como valor mais elevado e, (M=11.33), como o valor mais baixo.

O desvio-padrão varia entre, (DP=7.13), como valor mais elevado e (DP=2.37), como valor mais baixo.

Em termos de significatividade existem dois valores significativos nesta tabela, (p=.001) da escala RDI (realização de identidade), e (p=.05) relativo ao total (cf. Tabela 12).

CAPÍTULO VIII – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo faremos o confronto entre os objetivos e as correspondentes hipóteses a que nos propusemos e os resultados que encontramos na nossa amostra.

Em relação á *hipótese 1*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação á identidade e as escalas PI (orientação da identidade pessoal), á RI (orientação da identidade relacional), á SI (orientação da identidade social) e á CI (orientação da identidade coletiva).

Verificou-se que os resultados não apresentam diferenças significativas, entre residentes e não residentes em relação às seguintes escalas: PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva). (eg: Kimmel & Weiner, 1998; Neto, 2009; Ribeiro, 2004; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 1* não se confirma.

De acordo com alguns estudos, verifica-se que a formação da identidade não se prende com o ser residente ou não, nas escolas de futebol, mas sim com o compromisso, com a identidade dos membros, a partir da associação. Dentro de cada clube, constrói-se uma identidade de grupo e uma identidade individual (Kimmel & Weiner, 1998; Neto, 2009; Schoen-Ferreira et al., 2003).

Segundo Ribeiro (2004), o futebol fala-nos de um dos sentimentos mais significativos da organização humana, que é o da identidade e o da pertença.

Os compromissos correspondem às questões que o indivíduo mais valoriza e com as quais mais se preocupa, refletindo o sentimento de identidade pessoal (Schoen-Ferreira et al., 2003).

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido é o sentimento de identidade, mais o indivíduo, valoriza o modo em que é parecido, ou diferente, dos demais e mais claramente reconhece as suas limitações e habilidades. Quanto menos

desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita do apoio e das opiniões externas para se avaliar e compreender, menos as pessoas como distintas.

Um clube de futebol produz a identidade dos seus membros a partir da associação. De acordo com as práticas que se produzem dentro do clube, desenvolvidas segundo as suas tradições, mesmo que de algum modo inventadas, ou manufaturadas, a expressão do corpo compreende-se de modo a significar algo para alguém, geralmente o outro, o qual quer distanciar-se, ou fomentar o conflito de reciprocidade (Neto, 2009).

Dentro de cada clube, observa-se uma estrutura simbólica que permite a interpretação das ações humanas, como as práticas corporais, e expressa essa estrutura, construindo uma identidade de grupo e uma identidade individual (Neto, 2009).

No que se refere á *hipótese 2*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação á integração e as escalas EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização) (eg: Bronfenbrenner 1996; Borsari, 1989; Cairns, 2002; Cruz, 2003; Rocher 1989; Schnapper, 2007; Zurita & del Valle, 2005).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças significativas, entre residentes e não residentes e às escalas: EA (escala de acolhimento), ES (escala de socialização) e para o total da Escala.

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 2* se verifica parcialmente.

De acordo com alguns estudos, verifica-se que a integração se prende apenas com o ser residente ou não, nas escolas de futebol, mas especialmente com o acolhimento e com a socialização dos jogadores de futebol no clube.

A integração sucessiva nos diversos subsistemas conduz à integração social desencadeada pelo processo de socialização e pela aprendizagem contínua que o indivíduo interioriza sobre as normas coletiva (Schnapper, 2007).

O desporto é um poderoso meio de integração. O desporto contribui para a integração regional e nacional ao fomentar entre as pessoas de diferentes classes sociais,

etnias, raças, religiões a partilha das emoções transformando eventos em confraternizações, fatores de união destacando-se entre os principais motivos da vida moderna (Borsari,1989).

De acordo com alguns estudos com Parsons (1971, cit. in Schanpper, 2007) a integração sucessiva nos diversos sub-sistemas conduz à integração social desencadeada pelo processo de socialização e pela aprendizagem contínua que o indivíduo interioriza sobre as normas coletivas. A socialização permite a adequação entre a cultura, a sociedade e a personalidade.

Rocher (1989) afirma que para existir adaptação ao meio social, é preciso que todas as pessoas, que o constituem, tenham entre si um certo denominador comum, isto é, normas, modelos, valores e símbolos e que estes sejam partilhados, permitindo que todos participem das mesmas identidades coletivas, é necessário que o indivíduo interiorize crenças, símbolos, costumes, como já mencionamos anteriormente, na sua personalidade para que se sinta totalmente integrado.

O reconhecimento do desporto como canal de socialização positiva ou inclusão social é revelado pelo crescente número de projetos desportivos destinados aos jovens das classes mais desfavorecidas, que são financiados por instituições governamentais e privadas.

O desporto contribui para a integração regional e nacional ao fomentar entre as pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças, religiões a partilha das emoções transformando eventos em confraternizações, fatores de união destacando-se entre os principais motivos da vida moderna. Neste aspeto o desporto mais popular do mundo tem a importância fundamental na animação das comunidades periféricas no país, na luta que precisam de empreender com urgência no esforço da auto-organização para a superação da marginalização social e económica (Cruz,2003).

O desporto, e o futebol em particular, é um meio de ajuda à integração social. A criação de recintos desportivos e das respetivas atividades ligadas são medidas fulcrais de apoio aos mais necessitados, pois com a prática desportiva haverá com certeza uma melhor integração e inclusão de pessoas que não são tão bem aceites na sociedade por serem diferentes ou por pertencerem a outra classe social (Cruz,2003).

Ser acolhido, representa desde logo, ao nível do micro sistema, e do ponto de vista da criança, a entrada numa nova casa e a integração num novo espaço familiar, que deve ser, simultaneamente, um ambiente terapêutico para a criança, que promova a mudança para padrões seguros de “*attachment*” (Cairns, 2002).

Bronfenbrenner (1996) afirma que o potencial de integração aumenta se a entrada no novo meio ocorrer na companhia de uma ou mais pessoas com os quais a criança participou em ambientes, anteriores, o que neste caso específico se aplica aos pais biológicos ou outros familiares da criança, e, de modo mais significativo, aos técnicos dos serviços sociais responsáveis pelo caso.

Como se sabe, exemplo de um desporto importante para este combate é o futebol, porque as crianças mais pobres sonham ter uma vida melhor através da prática deste e através da criação de várias academias e escolas foi importantíssimo para integrar estas crianças socialmente, sobretudo aquelas que proveem dos bairros mais problemáticos (Zurita & del Valle, 2005).

Durante o acolhimento a criança/ou jovem sofre perdas a diversos níveis, e estas afetam os seus sentimentos de segurança e de pertença, podendo elas ser de natureza física, material, psicossocial e sociocultural (Zurita & del Valle, 2005).

Em relação á *hipótese 3*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre residentes e não residentes em relação ao estado de identidade e às escalas RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade). (eg: Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Neto, 2009; Papalia et al., 2009).

Verificou-se que os resultados não apresentam diferenças significativas em relação á adoção de identidade, em relação às escalas, RDI (realização da identidade), á IEM (identidade em moratória), á ADI (adoção de identidade), e á DDI (difusão da identidade).

Não existe uma grande pertinência entre os jogadores residentes e não-residentes em relação á adoção de identidade (realização da identidade, adoção de uma e na sua difusão), porque estamos a falar de adolescentes que estão em busca da sua identidade, que estão em crise e num momento de confusão. Também no futebol esta temática da identidade é muito discutida, devido ao panorama futebolístico internacional, são inúmeros os jogadores de futebol que trocam os seus países de origem onde criam a sua identidade por outros países em que o objetivo económico está acima de tudo.

Podemos concluir que a adoção de identidade não é muito importante para um jogador, que joga fora do seu país de origem, numa equipa estrangeira.

Trata-se de um estatuto que revela a existência de nenhum, ou pouco envolvimento na exploração, o que leva a uma tomada de decisão sem reflexão (Papalia et al., 2009).

A difusão de identidade pode representar um estágio inicial no processo da aquisição da mesma, no período da adolescência inicial, ou o fracasso em chegar a um comprometimento, depois de um período de exploração (Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999).

A perda de identidade está relacionada com a internacionalização dos jogadores. Mas antes de abordarmos este tema, faremos referência ao corpo, como um instrumento de criação da identidade. Que se entende como indivíduo, sociedade e comunidade, esse mecanismo, acaba por desenvolver as noções de corpo, que estão para além da simples educação física (Neto, 2009).

A identidade dentro de uma seleção é uma forma de nacionalidade. Uma seleção é formada por jogadores que jogam em diversos clubes, algumas vezes até mesmo fora do seu país de origem e que, antes de fazerem parte de um grupo de semelhança e de criarem a reciprocidade através das técnicas específicas do desporto (Neto, 2009).

No que concerne á *hipótese 4*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos) e a identidade e as escalas PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da

identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva) (eg: Ferreira, et al., 2001; Neto, 2009).

Verificou-se que os resultados não existem diferenças significativas entre os anos de serviço ao clube e em relação às escalas, PI (orientação da identidade pessoal), á RI (orientação da identidade relacional), á SI (orientação da identidade social) e á CI (orientação da identidade coletiva).

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 4* não se verifica.

De acordo com alguns estudos, verifica-se que a formação da identidade não se prende com os anos ao serviço do clube, mas sim com o compromisso dos jogadores para com o seu clube (a associação).

Um clube de futebol produz a identidade dos seus membros a partir da associação. De acordo com as práticas que se produzem dentro do clube, desenvolvidas segundo as suas tradições, mesmo que de algum modo inventadas, ou manufaturadas, a expressão do corpo compreende-se de modo a significar algo para alguém, geralmente o outro, o qual quer distanciar-se, ou fomentar o conflito de reciprocidade (Neto, 2009).

Dentro de cada clube, observa-se uma estrutura simbólica que permite a interpretação das ações humanas, como as práticas corporais, e expressa essa estrutura, construindo uma identidade de grupo (Neto, 2009).

Os papéis organizacionais, numa organização social é um conjunto padronizado de comportamentos que constitui o sistema formalizado de papéis, no qual se define as regras de conduta e explicitamente se cumprem, para serem seguidas por qualquer que seja o detentor de um determinado posto, ou cargo organizacional (Ferreira, Neves, Abreu & Caetano, 2001).

Para a *hipótese 5*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube, (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos) e a integração e as escalas, EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização). (eg: Rocher 1989).

Verificou-se que os resultados não apresentam diferenças significativas entre os anos de serviço ao clube e em relação as escalas, EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização).

Verificou-se mediante os resultados que a *hipótese 5* não se confirma.

Verifica-se que os anos de serviço ao clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos), não influencia a integração, o acolhimento, nem a socialização dos jogadores no clube. A integração no clube faz-se no coletivo e não está relacionado com a integração de cada jogador.

Os anos que o jogador está ao serviço do clube não significa uma melhor integração, uma melhor socialização e um melhor acolhimento. No desporto não é tão importante o jogador em si, mas sim a sua integração no coletivo (equipa). A integração nas equipas de futebol é regra geral sempre efetuada em equipas estrangeiras em que a nacionalidade do jogador não é o mais importante.

Rocher (1989) afirma que para existir adaptação ao meio social, é preciso que todas as pessoas, que o constituem, tenham entre si um certo denominador comum, isto é, normas, modelos, valores e símbolos e que estes sejam partilhados, permitindo que todos participem das mesmas identidades coletivas, é necessário que o indivíduo interiorize crenças, símbolos, costumes, como já mencionamos anteriormente, na sua personalidade para que se sinta totalmente integrado.

Em relação á *hipótese 6*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o número de anos ao serviço do clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos) e o estado de identidade e as escalas, RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade). (eg: Neto,2009).

Verificou-se que os resultados não apresentam diferenças significativas entre os anos de serviço ao clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos), e as escalas do estado de identidade.

Verificou-se que mediante os resultados apresentados que a *hipótese 6* não se confirma.

Os anos ao serviço do clube não influenciam o estado de identidade do jogador de futebol.

A perda de identidade está relacionada com a internacionalização dos jogadores e não com a sua nacionalidade (Neto,2009).

Para a *hipótese 7*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o escalão futebolístico (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores), e a identidade e as escalas, PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva). (eg: Lourenço, 2003).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças significativas entre o escalão futebolístico (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores) e as escalas de identidade.

É significativo nas escalas RI (orientação da identidade relacional), CI (orientação da identidade coletiva) e no total, confirmando-se parcialmente a hipótese.

O escalão de futebol influencia significativamente a orientação da identidade relacional e coletiva.

Segundo Lourenço (2003), Mourinho afirma que o clube é mais importante do que qualquer jogador, especialmente para as camadas jovens. O respeito pelo clube, pelas normas instituídas, pela filosofia de clube é mais importante do que qualquer indivíduo (jogador).

O conceito de equipa é mais importante do que o conceito de individualidade Lourenço (2003).

De acordo com Lourenço (2003), Mourinho afirma que é fundamental para se poder jogar ao mais alto nível, cada jogador deve-se sentir confiante, solidário, e cooperante com os seus companheiros e acreditar neles.

Em relação á *hipótese 8*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o escalão futebolístico (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores), e a integração e as escalas, EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização (eg: Cabral & Nick, 2006; Lourenço, 2003).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças não significativas entre o escalão futebolístico (Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores) e as escalas de identidade.

Constatou-se mediante os resultados encontrados que não existem resultados significativos, não se confirmando a hipótese.

O escalão não influencia a integração do jogador no clube.

O conceito de equipa é mais importante do que o conceito de individualidade Lourenço (2003).

Entende-se que a Integração Social é um processo de unificação dos diversos elementos, que compõem uma sociedade, ou grupo, assim como o processo pelo qual, o individuo se adapta harmoniosamente aos padrões do grupo (Cabral & Nick, 2006).

Em relação á *hipótese 9*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre o escalão futebolístico e o estado da identidade e as escalas, RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Neto, 2009; Meeus, et al., 1999; Papalia et al., 2009).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças significativas, entre o escalão futebolístico em relação às escalas: RDI (realização de identidade), ADI (adoção de identidade) e para o total.

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 9* se verifica parcialmente.

Adoção de identidade: caracteriza os indivíduos que já estabeleceram um compromisso firme com opções de identidade (Papalia et al., 2009).

A difusão de identidade pode representar um estágio inicial no processo da aquisição da mesma, no período da adolescência inicial, ou o fracasso em chegar a um comprometimento, depois de um período de exploração (Meeus et al., 1999).

Um clube de futebol produz a identidade dos seus membros a partir da associação. De acordo com as práticas que se produzem dentro do clube, desenvolvidas segundo as suas tradições, mesmo que de algum modo inventadas, ou manufaturadas, a expressão do corpo compreende-se de modo a significar algo para alguém, geralmente o outro, o qual quer distanciar-se, ou fomentar o conflito de reciprocidade (Neto, 2009).

No que diz respeito á *hipótese 10*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre a idade e a identidade e as escalas, PI (orientação da identidade pessoal), a RI (orientação da identidade relacional), a SI (orientação da identidade social) e a CI (orientação da identidade coletiva). (eg: Neto, 2009; Schoen-Ferreira, et al., 2003; Kimmel & Weiner, 1998).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças significativas, entre a idade em relação às escalas: PI (orientação da identidade pessoal), SP (Itens especiais) e para o total.

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 10* se verifica parcialmente.

De acordo com estes dados verificamos que a idade influencia a identidade pessoal.

Os compromissos correspondem às questões que o indivíduo mais valoriza e com as quais mais se preocupa, refletindo o sentimento de identidade pessoal (Schoen-Ferreira et al., 2003).

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido é o sentimento de identidade, mais o indivíduo, valoriza o modo em que é parecido, ou diferente, dos demais e mais claramente reconhece as suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita do apoio e das opiniões externas para se avaliar e compreender, menos as pessoas como distintas.

Verifica-se, que dentro do clube e dentro das seleções nacionais, o ambiente apresenta diversas formas, de se desenvolver as noções de corpo, de pessoa e de identidade (Neto, 2009).

A identidade dentro de uma seleção é uma forma de nacionalidade. Uma seleção é formada por jogadores que jogam em diversos clubes, algumas vezes até mesmo fora do seu país de origem e que, antes de fazerem parte de um grupo de semelhança e de criarem a reciprocidade através das técnicas específicas do desporto. Dentro deste grupo, desenvolveu-se uma noção de pessoa, do eu, de outro e de identidade. Essa primeira identidade caracteriza-se pela nacionalidade, ou pela identidade nacional (Neto, 2009).

Para a *hipótese II*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre a idade e a integração e as escalas, EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização). (eg: Rocher, 1989).

Verificou-se que os resultados não apresentam diferenças significativas, entre a idade em relação às escalas: EA (Escala de acolhimento); EI (Escala de integração); ES (Escala de socialização); IS (Escala de integração e socialização).

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 11* não se verifica.

Verifica-se que a idade não influencia a integração do jogador no clube.

Constatou-se mediante os resultados encontrados que não existem resultados significativos, não se confirmando a hipótese.

Rocher (1989) afirma que para existir adaptação ao meio social, é preciso que todas as pessoas, que o constituem, tenham entre si um certo denominador comum, isto é, normas, modelos, valores e símbolos e que estes sejam partilhados, permitindo que todos participem das mesmas identidades coletivas, é necessário que o indivíduo interiorize crenças, símbolos, costumes, como já mencionamos anteriormente, na sua personalidade para que se sinta totalmente integrado.

Para a *hipótese 12*, que sugeria que existiam diferenças significativas entre a idade e o estado da identidade e as escalas, RDI (realização de identidade), IEM (identidade em moratória), ADI (adoção de identidade) e DDI (difusão de identidade) (eg: Neto, 2009).

Verificou-se que os resultados apresentam diferenças significativas, entre a idade em relação às escalas: RDI (realização de identidade), e o total da escala.

Conclui-se que mediante estes resultados, que a *hipótese 12* se verifica parcialmente.

Verifica-se que a idade influencia o estado de identidade do jogador.

A noção de identidade, inscreve-se como um meio de produzir semelhantes, que participam das mesmas práticas, que possuem as mesmas técnicas, são originários das mesmas tradições, mas também desenvolvem o que pode ser denominado de identidade reflexiva, ou refletida (Neto, 2009).

Conclusão Geral

Falar de temáticas como a integração desportiva, a identidade nos clubes de futebol, o acolhimento nas organizações desportivas são temas onde os estudos escasseiam em Portugal, neste sentido o nosso estudo pretendeu colmatar essa lacuna e realçar determinados aspetos credíveis de serem estudados e analisados.

Sob o ponto de vista pessoal, os objetivos deste estudo foram alcançados, pois conseguimos estabelecer metas e por consequência alcançar resultados que nos ajudam a compreender os estádios de desenvolvimento da pré-adolescência e do adolescente, a identidade, a questão pedagógica na escolinha de futebol, a integração e o acolhimento dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão e as organizações desportivas.

Para todas as contribuições oriundas do desporto percebe-se que, este tende a se tornar mais importante dentro do contexto social, principalmente para as pessoas que descobrem que o desporto é um meio de socialização e de integração, que leva ao melhoramento do seu estado físico e emocional, seja na área do lazer, em situação de recreação, de reabilitação, ou com a finalidade de competir, como o caso dos jogadores residentes e não residentes na Casa do Dragão (Futebol Clube do Porto).

A prática desportiva como instrumento educacional visa o desenvolvimento integral das crianças, jovens e adolescentes, capacita o sujeito a lidar com as suas necessidades, desejos e expectativas, bem como, com as necessidades, expectativas e desejos dos outros, de forma que o mesmo possa desenvolver as competências técnicas, sociais e comunicativas, essenciais para o seu processo de desenvolvimento individual e social.

O futebol, como instrumento pedagógico, precisa de se integrar às finalidades gerais da educação, do desenvolvimento das individualidades, da formação para a cidadania e da orientação para a prática social. O campo pedagógico do desporto é um campo aberto para a exploração de novos sentidos/significados, ou seja, permite que sejam explorados pela ação dos educandos envolvidos nas diferentes situações (Dias, 2008).

Constatou-se que a formação da identidade não se prende com o ser residente ou não, nas escolas de futebol, mas sim com o compromisso, com a identidade dos membros, a partir da associação. Verificou-se que a integração se prende apenas com o ser residente ou não, nas escolas de futebol, mas especialmente com o acolhimento e com a socialização dos jogadores de futebol no clube.

Concluimos que não existe uma grande pertinência entre os jogadores residentes e não-residentes em relação á adoção de identidade (realização da identidade, adoção de uma e na sua difusão), porque estamos a falar de adolescentes que estão em busca da sua identidade, que estão em crise e num momento de confusão.

Verificou-se que a formação da identidade não se prende com os anos ao serviço do clube, mas sim com o compromisso dos jogadores para com o seu clube (a associação) e que os anos de serviço ao clube (1 a 3 anos; 4 a 6 anos; 7 e mais anos), não influencia a integração, o acolhimento, nem a socialização dos jogadores no clube. A integração no clube faz-se no coletivo e não está relacionado com a integração de cada jogador. Os anos que o jogador está ao serviço do clube não significa uma melhor integração, uma melhor socialização e um melhor acolhimento.

Os anos ao serviço do clube não influenciam o estado de identidade do jogador de futebol.

A perda de identidade está relacionada com a internacionalização dos jogadores e não com a sua nacionalidade (Neto,2009).

O escalão de futebol influencia significativamente a orientação da identidade relacional e coletiva.

Chegamos á conclusão que o escalão e a idade não influenciam a integração do jogador no clube, e que a idade influencia a identidade pessoal.

Compreende-se ainda que, apesar de termos sublinhado a tarefa árdua de clarificação, exploração e análise dos processos de desenvolvimento psicossocial, integração, identidade e acolhimento nos jogadores residentes e não residentes na Casa

do Dragão (Futebol Clube do Porto), evidenciando algumas das facetas que podem ser tidas em consideração nesta temática, as limitações foram sentidas e são evidentes.

Refletindo sobre os passos e o percurso realizado nesta investigação, consideramos que a mesma poderia ter sido orientada por outros pressupostos que não aqueles que inicialmente foram definidos. Assim, as limitações da amostra (40 inquiridos), pode ser considerado um aspeto negativo. Numa futura investigação teria que ser utilizada uma amostra superior aos 40 indivíduos, para podermos chegar a resultados mais precisos e concretos.

Sentimos dificuldade em motivar os jogadores residentes e não residentes para o preenchimento dos questionários, pois estes são morosos de preencher e daí a dificuldade dos jovens jogadores em manter a concentração nos três questionários aplicados.

Após a conclusão do nosso estudo, podemos afirmar que o psicólogo pode desempenhar um papel fundamental nos processos de integração, acolhimento, desenvolvimento psicossocial, identidade, nas organizações desportivas, como o caso do Futebol Clube do Porto. Ao longo do estudo podemos comprovar que estes processos necessitam de técnicos especializados, como o caso dos psicólogos, para que o jovem jogador de futebol obtenha sucesso desportivo e escolar e o mais importante de tudo, se sintam bem na organização desportiva.

Como em qualquer estudo, seja ele qualitativo ou quantitativo, é importante referenciar algumas sugestões para o futuro.

Este estudo enfatiza a importância de uma maior publicação de estudos que abordem a temática. Os profissionais que lidam com crianças e jovens adolescentes jogadores de futebol, estão sedentos de conhecimentos e competências do âmbito da temática abordada nesta tese, é de crucial importância consciencializar os profissionais, de modo a melhor corresponderem às exigências que o trabalho com jovens jogadores de futebol acarreta.

Referências Bibliográficas

- Alberto, I. (2002). “Como pássaros em gaiolas”? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco In C. Machado & R. Gonçalves (Coords.). *Violência e Vítimas de crime*, 2, 223-244. Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Araújo, J. (1986). *Guia do animador desportivo*. Lisboa: Editorial Caminho SARL, pp.12-17.
- Araújo, R. V. (2008). *Pedagogia do desporto: obstáculos, avanços, limites e contradições*. 74 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Archer, J. (1992). Childhood gender ichter: social contest and organization. I.M. Mcgruk (ed) *childhood social development contemporary perspectives*. (pp.31-61) Hillscale. USA.
- Almeida, L., & Freire, T. (1977). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT (Associação dos Psicólogos Portugueses).
- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios*. Coimbra. Edições Quarteto.
- Archer, S. L. & Waterman, A. S. (1994). Adolescent identity development: contextual perspectives. In P.B. Fisher & R.M. Lerner (eds), *Applied development psychology*. New York: Mcgraw-Hill.

- Almeida, L., & Freire, T. (1977). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT (Associação dos Psicólogos Portugueses).
- Balbino, H. F. (2005). *Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos*. 2005. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Betti, M. (1991). *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- Bergamini, C. W. (2006). *Psicologia Aplicada á Administração*. São Paulo: Atlas.
- Bock, A. M. B. (2001) *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinado a pais e educadores*. Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional (Abrabee), 11, 1, pp.63-67.
- Borsari, J. R. (1989). *Futebol de campo*. São Paulo. EPU.
- Bosma, H. A. (1994). *Le development de l'identité á l'adolescence*. L'orientions scolaires et professionnelle,23,291-311.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2005), *Making Humans Beings Human*, Londres, Sage Publications.

- Brown, W. M & Gilligan, C. (1992). *Meeting at the crossroads: women's psychology and girls development*. Cambridge, M.A: Harvard University Press.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic interaction: Perspective and method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Cabral, B. (2004). In, *O diferente em cena: Integração e Interação?* N.6/7, pp.27-42. Florianópolis. Editora Ponto de Vista.
- Cabral, A. & Nick, E. (2006). *Dicionário técnico de Psicologia*. Editora Cultrix. São Paulo: Brasil.
- Cairns, K. (2002). *Attachment, trauma and resilience: therapeutic caring for children*. London: BAAF.
- Carvalho, A. M. (1994). *Desporto e autarquias locais*. Campo das letras editores. A.S. Porto.
- Carvalho, M. (2001). *O clube desportivo popular*. Edição Campo das letras.
- Capinussú, J. M. (1985). *A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas*. Sprint.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E. & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família*. Imprensa universidade de Coimbra. Coimbra.
- Cruz, J. F. (1996). *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.

- Cruz, A.R. (2003). O futebol brasileiro: um caminho para a inclusão social. São Paulo. Edições esfera. Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.
- Coelho, F. (2004). Manual de direito comercial. São Paulo: Saraiva.
- Correia, A. (2000). Estratégia das federações desportivas: estudo das principais federações portuguesas no ciclo olímpico de 1997 a 2000. Centro de estudos e formação desportiva. Secretaria de Estado do Desporto.
- Conger, J. A. & Kanungo, R. (1987). "Toward a Behavioral Theory of Charismatic Leadership in Organizational Settings". *Academic of Management Review*, 12, pp. 637-647.
- Constantino, J.M. (1992). *Desporto português, as soluções adiadas*. Lisboa: Livros horizonte.
- Crainer, S. (2000). *Os grandes pensadores da Administração: as ideias que revolucionaram o mundo dos negócios*. São Paulo: Futura.
- Crespo, J. (1998). *Para uma sociologia da cultura- o associativismo desportivo em Portugal*. *Ludens*, V.II, n.º 4, pp.3-13.
- Dahrendorf, R. (1977) *Classi e conflitto di classe nella società industriale*. Laterza, Bari.
- Daolio, J. (2002). Jogos desportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos, modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v.10, n.4, p.99-104.

Delgado, P (2011). *O Acolhimento Familiar de crianças. Uma perspetiva ecológica*. Porto. Profedições.

Department of Health (1998). *Caring for children away from home*. West Sussex: John Wiley & Sons.

Denison, D.R. (1996). “*What is the difference between organizational culture and organizational climate? A native`s point of view on a decade of paradigm wars*”, *academy of management review*, vol 21, pp. 619-654.

Durkheim, E. (1893). *A Divisão do Trabalho Social* Lisboa: Editorial Presença.

Durkheim, E. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. Tradução de manila Stapel. São Paulo: Martins Fonte.

Durkheim, E. (2003). *As regras do método sociológico*. São Paulo (2ª ed), Martins Fontes.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Étienne, J & Bloess, F, & Noreck, J.P & Roux, J.P. (1998). *Dicionário de Sociologia*. As noções, os mecanismos e os autores. Plátano Edições Técnicas. Lisboa.

Ferreira, J. & Neves, J & Caetano, A. (2001). *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: Editora McGrawHill.

Freire, P. (1989). “ O partido como educador-educando”, in Alberto Damas cena et al. A educação como ato político partidário, São Paulo: Cortez.

Freire, J. B. (2003). Pedagogia do futebol. Campinas, SP: Autores associados.

Futebol Clube do Porto. (2010 a). *O Clube - Historial, História do Futebol Clube do Porto*. Acedido em 10 de Setembro de 2010, em: <http://www.fcporto.pt>.

Futebol Clube do Porto. (2010 b). *Regulamento da Casa do Dragão*. Porto: Edições Futebol Clube do Porto.

Fuertes, J & Fernandez, J. (1996). Recursos residenciales para menores. In Paúl, Joaquim & Arruabarrena, Maria. *Manual de Protection infantil*. Barcelona, Editora Masson.

Garganta, J. (2002). O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-ação. In: Barbanti, V.; Bento, J.; Marques, A.; Amadio, A. desporto e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, pp. 281.

Geertz, C.A. (1989). *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros técnicas científicas.

Gilligan, P. (1987). *Con voce di donna*. Etica e formazione educative, I, pp.7.

Gonçalves, M. G. M. (2001). A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. Em A.M.B, Bock, O. Furtado & M.G.M. Gonçalves (Orgs), psicologia sócio-histórica: uma leitura crítica na psicologia. pp.37-52. São Paulo. Editora Cortês.

González, E. (1996). *Menores en Desamparo y conflicto social*. Madrid: Editorial CCS

Gonzalez, A. (2011). Adolescentes em acolhimento institucional: convivência familiar e comunitária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre. Brasil.

Havighrust, R.J. (1953). *Human Development and Education*. Nova Iorque, David McKay Company, Inc.,32.

Hurlock, E.B. (1975). *Developmental Psychology*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company.

Jesuino, J.C. (1987). *Processos de Liderança*. Livros Horizonte: Lisboa.

Kaku, W. (2008). Sociedades, culturas e processos de integração internacional. In revista Direitos humanos-v.3 nº 5. São Paulo. Brasil.

Kellerhals, J & Levy,R & Widmer,E. (2000). *Cohésion, regulation et conflicts dans les familles contemporaines*, Rapport final au fonds national de la recherche scientifique. Universités de geneve et de Lausanne.

Kimmell & Weiner, I (1998). *La adolescência; una transición desenrollo*. Barcelona: Ariel.

Leguet, J. (1987). *As Ações Motoras em Ginástica desportiva*. São Paulo: Manole. pp. 225.

Lourenço, L. (2003). *José Mourinho*. (1ª ed). Prime Books.

- Marshall, G. (1994). *The concise Oxford dictionary of Sociology*. New York: Oxford University Press.
- Marcia, J. (1993). Discussions on Ego Identity, New Jersey: *Lawrence Erlbaum Associates*, pp.23-24.
- Márcia, J. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Márcia (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescence psychology*. New York: Wiley.
- Márcia (1964). *Determination and construct validity of ego identity status*. Unpublished doctoral dissertation, Ohio State University.
- Marshall, G. (1994). *The concise Oxford dictionary of Sociology*. New York: Oxford University Press.
- Martin, J. (1992). *Cultures in organizations*. New York. Oxford University Press.
- Mattesen, D. R. (1972). Explorations and commitment: sex differences and methodological problems in the use of identity status categories. *Journal of youth and adolescence*, 6, 353-480.
- Mauss, M. (2003). *As técnicas do corpo*. In sociologia e antropologia, São Paulo: Caisac & naity D.C.
- Medeiros, M; Sadi, R. S; & Scaglia, A. (2003). Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. Brasília, UNB.

- Meeus, W; Iedema, J; J. helsen, M.S & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: *review of literature and longitudinal analisis development review*; 19.461-480.
- Meirim, J.M. (1995). *Clubes e sociedades desportivas: uma nova realidade jurídica*. Lisboa: Livros horizonte.
- Merton, R.K. (1957). Priorities in scientific discovery: a chapter in the sociology of science. *American sociological review*, vol.22. nº 6.pp. 635-659.
- Mesquita, I & Graça, A. (2006). Modelos de ensino dos jogos desportivos. In: Tani G, Bento JO, Petersen RS (eds) *Pedagogia do desporto*. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, p 269-283.
- Miura, I. K. (1997). *Dekasseguis: Relatos de identidade a partir da experiência de trabalho no Japão*. [Dissertação de Mestrado], Programa de Psicologia Social. São Paulo: IPUSP.
- Montagner, P. C. (1993). *Desporto de Competição x Educação? O caso do basquetebol*. Piracicaba, 148f. Tese (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba.
- Mohedano, J. & Ortega. (1999). *Modelos institucionales*. In J. Ortega (Coord.), *Pedagogia Social Especializada* (pp.52-61). Barcelona: Ariel.
- Moraes, A.M.P. (1997). *Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psico-pedagógica*. São Paulo: EDICON.

- Mosquera, P. (2002). Integração e acolhimento. In A. Caetano, & J. Vala (Orgs.), *Gestão de Recursos Humanos – Contextos, Processos e Técnicas* (pp. 301-324). Lisboa: Editora RH.
- Munuss, R. (1971). *Teorias da Adolescência*. B.H., Interlivros Ltda.
- Neto, G.H. (2009). A internacionalização dos jogadores de futebol: perda da identidade. CSOnline – *Revista eletrónica de ciências sociais*, 3, 6.
- Octavio, F. (2000). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. Nacional. cap. 1. p 63-68. São Paulo: Editora.
- Paes, R. R. (2006). Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. *Revista brasileira de educação física e esporte*, XI congresso ciências do esporte e educação física dos países de língua portuguesa, v.20, supl, nº5.
- Panchón, C. (1998). *Manual de Pedagogia de la Inaptación Social*. Barcelona: Dulac.
- Papalia, D. E., Olds, S.W., & Feldman, R.D. (2009). *Desenvolvimento humano*. São Paulo. Editora McGraw-Hill.
- Parsons, T. (1968). *A sociologia americana: perspectivas, problemas, métodos*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Parsons, T. (1969). *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Editora Pioneira.

- Parsons, T. (1971). Papel e sistema social. In: Cardoso, Fernando Henrique; Ianni, Octavio. (2000). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. Nacional. cap. 1. p 63-68. São Paulo: Editora.
- Peretti, J. M. (2001). *Recursos Humanos* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pérez, S. (1994). *Pedagogia Social. Educacion Social: Construcion científica e intervencion practica*. Madrid: SA ediciones.
- Petit, F. & Dubois, M. (1998). *Introdução á psicossociologia das organizações*. Lisboa: Editora Instituto Piaget.
- Piaget, J. (1972). *Intellectual evolution from adolescence to adulthood*. Human Development, 15, pp.1-12.
- Piaget, J. (1967). *Six Psychological Studies*. Nova Iorque, Random House.
- Pinheiro, M.S. (1992). *Aspetos biopsicossociais da criança e do adolescente*. São Paulo. Lehman.
- Pires, G (1987) Do associativismo á orgânica desportiva. Ministério da educação e cultura, antologia de textos desporto e sociedade, direção geral dos desportos, pp.31-41.
- Pires, G. (1994). A organização do futuro – 10 Megatendências. Revista Horizonte XI, 61, Maio-Junho, pp. 3-13.

- Pires, G. (1998). Da célula á gestão. Para uma epistemologia da gestão do desporto. Congresso de Educación Física e Ciências do Deporte dos Países de Língua Portuguesa, 6, Coruna, pp. 69-91.
- Poeschl, P. (2006). *Análise de dados na investigação em psicologia*. Coimbra. Gráfica de Coimbra.
- Polletta, F. & Jaspers, J. (2001). *Collective identity and social movements*. Annual Review of Sociology, 27, pp. 283-305).
- Rabello, E. T. (2001). *Personalidade: estrutura, dinâmica e formação – um recorte eriksoniano*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Rabello, E. T. & Passos, J. S. (2012). Erikson e a *teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.josesilveira.com> no dia 15 de Janeiro de 2012.
- Reverdito, R. S. (2005). *Pedagogia do esporte: da revisão de literatura á construção didático-metodológicos para o ensino de andebol*. Trabalho de conclusão de curso.
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Metodologia de investigação em Psicologia da Saúde*. 3ª ed. Porto. Livpsic.
- Robins, S. (1999). *Comportamento Organizacional*. 8 ed. Rio de Janeiro: LCT.
- Robins, R. W. & Trzesniewski, K.H. (2005). *Self-esteem development across the lifespan*.

- Roche, F. P. (2002). *Gestão desportiva, planeamento estratégico nas organizações desportivas*. 2ª Ed. Artmed.
- Rocher, G. (1989). *Sociologia Geral*. Lisboa: Editorial presença Volume. I
- Roegiers, X. & Ketele, J. M. (2004). *Uma pedagogia da integração, competências e aquisições no ensino*. Atmed Editora, Porto.
- Russel, B. (1965). *On the Philosophy of Science*. The Boobs-Merril Company.
- Sackmann, S. (1992). "Culture and subcultures: an analysis of organizational knowledge". *Administrative science quarterly*, 37, pp.140-161.
- Sahlins, M. D. (2007). *Cultura na prática*. Tradução de Vera Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto, Edições Afrontamento.
- Schnapper, D. (2007). *Qu'est-ce que l'intégration?* Paris: Éditions Gallimard: Folio Actuel Inédit.
- Santos, M. et al. (2002). O papel das de federações na concessão do modelo europeu de desporto. Edição da confederação do desporto de Portugal.
- Sarbin, T. R., & Scheibe, K. E. (Orgs.). (1983). *Studies in social identity*. New York: Praeger.

- Scaglia, A. J. (1996). “Escolinha de futebol: uma questão pedagógica”. Motriz. Revista de Educação Física - UNESP - Rio Claro, v.2, n.1.
- Scaglia, A. J. (2003). O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.1999.169 f. Tese. Campinas: Faculdade de educação física-unicamp.
- Scaglia, A. J. (2007). gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. *Revista Motriz*. Rio Claro, v. 13, n. 1, jan./mar., p.51-63.
- Schein, H. (1982). Edgar. Psicologia organizacional. Rio de Janeiro: Prentice- Hall do Brasil.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar- Farias, M., & Silvaes, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estudos de psicologia*, 8,1,pp.107-115.
- Scott, R. & Blau, P. (1997). Organizações formais. Lisboa. Editora Atlas.
- Silvério, J. & Strebo, R (2006). *Como ganhar usando a cabeça: um guia de treino mental para o futebol* (3ª ed). Coimbra: Editora Quarteto.
- Silva, A. D. & Taveira, M. C. (2004). *Promoção do desenvolvimento vocacional no ensino superior*. CIPSI- Livros de Actas. Universidade do Minho: Braga.
- Soares, J. A. P. (2006). Natureza da decisão estratégica em organizações desportivas: estudo das associações de modalidade na Região Autónoma da Madeira. Centro de Ciências Sociais. Universidade da Madeira.

- Sousa, J. T. (1986). Para o conhecimento do associativismo desportivo em Portugal. Estudo sociológico das coletividades desportivas no quadro do desporto federado. Dissertação apresentada com vista á obtenção do grau de doutor em motricidade humana, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, pp.770-778.
- Stryker, S. (1987). Identity theory: Developments and extensions. In K. Yardley, & T. Honess (Orgs.). *Self and identity: Psychosocial perspectives*. New York: Wiley.
- Sousa, J. T. (1986). Para o conhecimento do associativismo desportivo em Portugal. Estudo sociológico das coletividades desportivas no quadro do desporto federado. Dissertação apresentada com vista á obtenção do grau de doutor em motricidade humana, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa. pp.770-778.
- Spector, P. E. (2005). *Psicologia nas Organizações*. São Paulo: Saraiva.
- Taveira, M. C. (1986). *Identidade e desenvolvimento vocacional nos jovens*. Universidade do Porto: Tese de Mestrado.
- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Universidade do Minho: Tese de Doutoramento.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.). *Introduction à la psychologie sociale*, (Vol. 1). Paris: Larousse.
- Torne, A & Michalieu, Q (1996). *Situating adolescent gender and self-esteem with personal memories*. Child development, 67, pp. 137-139.

Tubino, M. J. G. (1992). *Dimensões sociais do desporto*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

Turner, J. C. (1985). Social categorization and the self-concept: A social cognitive theory of group behavior. In E. J. Lawler (Org.). *Advances in group processes*. (Vol. 2). Greenwich, CT: JAI Press.

Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Oxford: Blackwell.

Vergara, S. C. (2003). *Gestão de Pessoas*. 3ªed. São Paulo: Atlas.

Zacarés, J.J. (1997). El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas. Comunicacione apresentada no VI.

Zurita, J. F. & del Valle, J. F. (2005). Acogimiento residencial. In J. P. Ochotorena & M. I. Madariaga (Eds.), *Manual de protección infantil* (pp. 409-470). Barcelona: Masson.

ANEXOS

ANEXO 1

ANEXO 2

ANEXO 3

AIQ-IV

Instruções: Estes itens descrevem diferentes aspectos da identidade. Por favor leia cada item com muito cuidado e veja como cada um deles se aplica a sí. Escolha, nos itens a seguir aquele que melhor se aplica a sí.

1= Não muito importante para explicar quem sou

2= Relativamente importante para explicar quem sou

3= Mais ou menos importante para explicar quem sou

4= Muito importante para explicar quem sou

5= Extremamente importante para explicar quem sou

Ponha no espaço em branco, o número que escolher para cada item.

___ 1. As coisas que eu tenho

___ 2. Os meus valores pessoais e os meus padrões morais

___ 3. A minha popularidade junto das outras pessoas

___ 4. Fazer parte de muitas gerações da minha família

___ 5. Os meus sonhos e a minha imaginação

- ___ 6. A maneira como as pessoas reagem aquilo que digo e faço
- ___ 7. A minha raça e grupo étnico
- ___ 8. Os meus objectivos pessoais e esperanças no futuro
- ___ 9. O meu aspecto físico, a minha altura, o meu peso e a forma do meu corpo
- ___ 10. A minha religião
- ___ 11. As minhas emoções e sentimentos
- ___ 12. A minha reputação, aquilo que os outros pensam a meu respeito
- ___ 13. Os lugares aonde eu vivo e onde eu cresci
- ___ 14. Os meus pensamentos e ideias
- ___ 15. Ser atraente para os outros
- ___ 16. Pertencer a um grupo de pessoas da minha idade ou fazer parte da minha geração
- ___ 17. Os meus gestos, os meus tiques e a impressão que causo nos outros
- ___ 18. O modo como lido com os meus medos e ansiedades
- ___ 19. O meu sexo, ser rapaz ou rapariga
- ___ 20. O meu comportamento social, por exemplo o modo como ajo quando estou com outras pessoas
- ___ 21. A sensação de ser uma pessoa única e diferente dos outros
- ___ 22. As minhas relações com pessoas minhas amigas

- ___ 23. A minha classe social, o grupo económico a que pertenço, ser baixo, médio ou alto
- ___ 24. Os sentimentos que eu tenho de pertencer á minha comunidade
- ___ 25. Saber que continuo a ser por dentro essencialmente o mesmo, apesar de a vida provocar muitas mudanças externas
- ___ 26. Ser um bom amigo para aqueles de quem eu me importo
- ___ 27. O meu auto-conhecimento e a ideia que eu faço do tipo de pessoa que realmente sou
- ___ 28. O meu empenhamento sem ser um indivíduo preocupado com a minha namorada
- ___ 29. O sentimento de orgulho relativamente ao meu país e o orgulho de ser um cidadão
- ___ 30. As minhas capacidades físicas, serem as ideais para actividades atléticas
- ___ 31. Partilhar experiências importantes com os meus amigos mais chegados
- ___ 32. A minha auto-avaliação e a minha opinião acerca de mim
- ___ 33. Ser um fã de desportos, identificar-me com equipas desportivas
- ___ 34. Ter uma mútua satisfação com as minhas relações pessoais
- ___ 35. Estabelecer uma relação íntima com outra pessoa
- ___ 36. A minha escolha ocupacional e os meus planos de carreira
- ___ 37. Desenvolver relações de amizade com outras pessoas

- ___ 38. Os meus compromissos para com actividades e assuntos políticos
- ___ 39. A minha vontade de compreender os pensamentos e sentimentos da minha namorada, ou do meu melhor amigo
- ___ 40. As minhas competências académicas e as minhas realizações, tais como os ensinamentos que eu retiro dos meus professores
- ___ 41. Ter boas relações com outras pessoas
- ___ 42. A minha língua, assim como a minha pronúncia, ou uma segunda língua que eu conheça
- ___ 43. O sentimento de estar profundamente unido com as pessoas de quem eu gosto
- ___ 44. O meu papel de ser um estudante
- ___ 45. A minha orientação sexual, seja ela heterossexual, homossexual ou bissexual

Sub-escalas:

PI = Orientação da identidade pessoal

RI = Orientação da identidade relacional

SI = Orientação da identidade social

CI = Orientação da identidade colectiva

SP = Itens especiais

AIQ-IV

Cada escala é a soma das respostas que são pontuadas de um a cinco.

PI = 2 5 8 11 14 18 21 25 27 32

RI = 22 26 28 31 34 35 37 39 41 43

SI = 2 6 9 12 15 17 20

CI = 4 7 10 13 24 29 38 42

SP = 1 16 19 23 30 33 36 40 44 45

Questionário sobre Desenvolvimento Psicossocial, Integração e Acolhimento

Nas páginas seguintes encontram-se questões sobre o *acolhimento*, a *integração*, a *socialização* e a *identidade social*. Para cada afirmação, deves escolher a hipótese que melhor corresponde à tua maneira de sentir e pensar, de acordo com a seguinte grelha:

- A- Totalmente de acordo**
- B- De acordo**
- C- Nem de acordo nem em desacordo**
- D- Em desacordo**
- E- Totalmente em desacordo**

Para tal, na folha de respostas, faz um círculo à volta da letra A, B, C, D ou E, conforme o grau de correspondência com a sua forma de pensar relativamente à afirmação.

Não existem respostas correctas, nem erradas, somente respostas que estão mais de acordo contigo. Ao marcar a tua resposta na folha de respostas assegura-te de que o número da afirmação corresponde de facto àquele a que estás a responder.

Por favor, não escrevas nada neste caderno e assegura-te que deste respostas relativamente a todas as afirmações na folha de respostas.

Não há tempo limite mas responde tão rapidamente quanto possível.

De Joel Gonçalves & José Soares Martins

Muito obrigado pela colaboração!

Nome: _____

Idade: _____

Escalão: _____

Nacionalidade: _____

Anos ao serviço do clube: _____

Escala A:

1. Custou-te a vir para a Casa do Dragão?
2. Os dirigentes acolheram-te bem?
3. Os teus colegas acolheram-te bem?
4. Tiveste dificuldade em ser acolhido pelo grupo?
5. Sentiste que te puseram de parte perante os teus colegas?
6. Existem colegas teus que se encontram na mesma situação que a tua?
7. Foram-te inculcadas normas e valores quando chegaste á Casa do Dragão?
8. Achas correctas as normas e valores que te foram inculcados quando chegaste á Casa do Dragão?
9. Sentes que a Casa do Dragão é um meio familiar?
10. Sentes-te acarinhado na Casa do Dragão?
11. Quando vieste para a Casa do Dragão, vieste juntamente com outro colega?
12. Os responsáveis pela Casa do Dragão acolheram-te bem?
13. Gostas do teu quarto, sala de estar, cozinha da Casa do Dragão?
14. Sentiste bem no teu primeiro dia aqui na Casa do Dragão?

Escala I:

15. Foste bem recebido na Casa do Dragão?
16. Tiveste dificuldades de integração junto dos outros colegas?
17. Os outros colegas aceitaram-te bem no seu grupo?
18. Tiveste facilidade em levar a cabo amizades próximas com os colegas da Casa do Dragão?
19. Tiveste facilidade em levar a cabo amizades próximas com os colegas do Futebol Clube do Porto que não são da Casa do Dragão?
20. Tens muitos amigos aqui na Casa do Dragão?
21. Desenvolves com facilidade actividades de recreio com eles?
22. Desenvolves com facilidade actividades desportivas com eles?
23. O facto de estares na Casa do Dragão faz sentir saudades da tua casa?
24. Preferias estar em tua casa ou na Casa do Dragão?
25. Estás arrependido de ter vindo para a Casa do Dragão?
26. Assimilaste com facilidade aqui na Casa do Dragão hábitos e regras?
27. Foi fácil a tua integração na nova escola aqui no Porto?
28. Consideras existir um bom espírito de entreajuda entre os colegas da Casa do Dragão?
29. É importante para ti estar integrado na Casa do Dragão?

Escala S:

30. Sentes que pertences ao grupo da Casa do Dragão?
31. Gostas de estar na Casa do Dragão?
32. Se pudesses voltar a escolher virias para a Casa do Dragão?

33. Trocavas a Casa do Dragão pelo teu ambiente familiar?
34. A Casa do Dragão é importante para tí?
35. Sentes-te identificado com a Casa do Dragão e com o clube?
36. Gostarias de ser jogador profissional do Futebol Clube do Porto?
37. Achas que o Futebol Clube do Porto é diferente dos outros clubes onde jogastes?
38. Se pudesses voltar a escolher escolherias o Futebol Clube do Porto?
39. Consideras existir um bom espírito de equipa na Futebol Clube do Porto?
40. Conversas sobre muitos assuntos com os teus colegas?

Escala IS:

41. Tens pessoas significativas para ti aqui na Casa do Dragão?
42. Tens lidado bem com o afastamento dos teus pais e da família?
43. Caracterizas positivamente o ambiente/ a relação com os outros jogadores que não são da Casa do Dragão?
44. Sentiste dificuldades particulares para te relacionares com os colegas estrangeiros?
45. O futebol é importante para ti?
46. Consideras o sucesso escolar relacionado com o sucesso no clube?
47. Achas que é importante para ti teres em termos futuros um nível de escolaridade adequado?
48. As regras da Casa do Dragão custaram-te a aprender/aceitar?
49. Identificas-te com a cultura desportiva do Futebol Clube do Porto?
50. Achas que o Futebol Clube do Porto é um clube mais importante que os outros?
51. Achas que o Futebol Clube do Porto ganha mais títulos que os outros clubes?
52. Achas que o Futebol Clube do Porto é o clube mais importante do futebol nacional?

Código: _____ Data: ____/____/_____

Responda às afirmações de acordo com a seguinte escala:

- A – Totalmente de acordo
- B – De acordo
- C – Nem de acordo nem em desacordo
- D – Em desacordo
- E – Totalmente em desacordo

1	A	B	C	D	E
2	A	B	C	D	E
3	A	B	C	D	E
4	A	B	C	D	E
5	A	B	C	D	E
6	A	B	C	D	E
7	A	B	C	D	E
8	A	B	C	D	E
9	A	B	C	D	E
10	A	B	C	D	E
11	A	B	C	D	E
12	A	B	C	D	E
13	A	B	C	D	E
14	A	B	C	D	E
15	A	B	C	D	E
16	A	B	C	D	E
17	A	B	C	D	E
18	A	B	C	D	E
19	A	B	C	D	E
20	A	B	C	D	E
21	A	B	C	D	E
22	A	B	C	D	E
23	A	B	C	D	E
24	A	B	C	D	E
25	A	B	C	D	E
26	A	B	C	D	E
27	A	B	C	D	E
28	A	B	C	D	E
29	A	B	C	D	E
30	A	B	C	D	E
31	A	B	C	D	E
32	A	B	C	D	E
33	A	B	C	D	E
34	A	B	C	D	E
35	A	B	C	D	E
36	A	B	C	D	E

37	A	B	C	D	E
38	A	B	C	D	E
39	A	B	C	D	E
40	A	B	C	D	E
41	A	B	C	D	E
42	A	B	C	D	E
43	A	B	C	D	E
44	A	B	C	D	E
45	A	B	C	D	E
46	A	B	C	D	E
47	A	B	C	D	E
48	A	B	C	D	E
49	A	B	C	D	E
50	A	B	C	D	E
51	A	B	C	D	E
52	A	B	C	D	E

Dellas Identity Status Inventory Occupation: DISI – O

© Maria Céu Taveira, 1993

Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Nas páginas seguintes encontram-se afirmações sobre atitudes e percepções acerca da carreira. Para cada afirmação, deve escolher a hipótese que melhor corresponde à sua maneira de sentir e pensar, de acordo com a seguinte grelha:

- A- Totalmente de acordo comigo
- B- De acordo comigo
- C- Nem de acordo nem em desacordo comigo
- D- Em desacordo comigo
- E- Totalmente em desacordo comigo

Para tal, na folha de respostas, faça um círculo à volta da letra A, B, C, D ou E, conforme o grau de correspondência com a sua forma de pensar relativamente à afirmação.

Não existem respostas correctas, somente respostas que estão mais de acordo consigo. Ao marcar a sua resposta na folha de respostas assegure-se de que o número da afirmação corresponde de facto àquele a que está a responder.

Por favor, não escreva nada neste caderno e assegure-se que deu respostas relativamente a todas as afirmações na folha de respostas.

Não há tempo limite mas responda tão rapidamente quanto possível.

Muito obrigado pela colaboração!

1. Estou actualmente a informar-me muito cuidadosamente sobre várias vias de estudos e profissões, de tal maneira que tenho a certeza de que ficarei satisfeito(a) com o que escolherei.
2. Já me informei sobre as várias vias de estudos e profissões; fiz a minha escolha de carreira e estou satisfeito(a) com ela.
3. Mantenho-me em suspenso quanto à escolha de prosseguimento de estudos e/ou da profissão/emprego porque penso que ainda é muito cedo para tomar uma decisão.
4. Desde há muito que sei como será a minha carreira, por isso não tem sido necessário perder tempo com esse problema.
5. Estou à espera do que poderá aparecer, porque ainda não sei bem que escolha ao nível do prosseguimento de estudos e/ou de profissão/emprego gostaria de fazer.
6. Ainda não escolhi a minha via de prosseguimento de estudos e/ou profissão/emprego porque não quero tomar uma decisão enquanto as coisas não estiverem claras.
7. As coisas acabarão por se resolver, porque é muito difícil ter em conta todos os aspectos que é importante considerar para fazer uma escolha em termos de prosseguimento de estudos e/ou de profissão/emprego.
8. Tentar ajustar tudo nunca foi um dos meus problemas. Vou fazer exactamente aquilo que decidi vir a fazer quando era criança.
9. Estou presentemente a informar-me sobre os vários percursos vocacionais, para escolher os estudos e a profissão/emprego que pretendo seguir.
10. Já me informei sobre as várias vias de prosseguimento de estudos e profissões/empregos e agora sei o que vou fazer a seguir.
11. Dizem que a escola muda as nossas ideias acerca dos estudos e da profissão que queremos seguir mas isso não aconteceu comigo. Continuo a estar interessado(a) naquilo que escolhi quando era criança.
12. A nossa vida escolar e profissional tende a resolver-se e por isso não vale a pena preocupar-me com a escolha dos estudos e da profissão/emprego.
13. Aquilo que aprendi na Universidade ajudou-me a analisar alguns aspectos ligados à escolha dos estudos e da profissão/emprego, mas estou a considerar outros antes de tomar uma decisão.
14. Neste momento, mantenho-me em suspenso quanto à escolha ao nível do prosseguimento de estudos e/ou da profissão/emprego porque não quero comprometer-me e perder alguma oportunidade que entretanto possa surgir.
15. Ponderei muito acerca da escolha, ao nível do meu prosseguimento de estudos e/ou da minha profissão/emprego, e agora já fiz a minha escolha definitiva.
16. Interroguei-me sobre a adequação de várias vias de prosseguimento de estudos e profissões/empregos mas já resolvi as minhas dúvidas e agora sei qual é o meu objectivo vocacional.
17. Sei que existem várias vias de prosseguimento de estudos e profissões/empregos que vão de encontro às minhas capacidades. Presentemente estou a analisá-las para ver qual delas me entusiasma mais.
18. Ainda não pensei em escolher uma via de prosseguimento de estudos nem uma profissão/emprego porque há muita coisa por aí e quero evitar tomar uma decisão demasiado cedo.
19. As coisas provavelmente arranjar-se-ão de um modo ou de outro, independentemente de eu me debruçar sobre diferentes vias de prosseguimento de estudos ou profissões/empregos.
20. Nunca tive dúvidas acerca dos estudos e da profissão/emprego a seguir e tenho dirigido todos os meus esforços nesse sentido.
21. Neste momento não me estou a ver em nenhuma profissão/emprego mas penso que as coisas se resolverão por si.
22. Sempre quis seguir determinada profissão e nunca pensei noutra.

23. Informei-me sobre as diferentes vias de prosseguimento de estudos e/ou profissões/empregos e agora já me consigo ver naquilo que eu escolhi.

24. Estou perto de fazer a minha escolha de prosseguimento de estudos e/ou da profissão/emprego, apesar de algumas vezes pensar que deveria fazer uma coisa em que sou bom (boa) e outras vezes pensar que deveria esforçar-me mais para utilizar outras capacidades.

25. Tenho algumas ideias vagas sobre a escolha de uma via de prosseguimento de estudos e/ou de uma profissão/emprego mas por enquanto deixo a minha decisão em aberto.

26. Não vale a pena informar-me sobre várias vias de prosseguimento de estudos e/ou profissões porque desde criança que sei qual será a minha profissão.

27. Estou aberto(a) quanto ao meu prosseguimento de estudos e/ou quanto à minha profissão/emprego porque quero poder adaptar-me a todas as possibilidades que possam surgir. Provavelmente começarei a decidir-me em breve.

28. Estou à espera de ver o que acontece porque na vida escolar e profissional a sorte conta muito.

29. Após ter-me informado sobre diferentes vias de prosseguimento de estudos e/ou profissões/empregos sei exactamente qual é o meu objectivo vocacional.

30. Reduzi o meu leque de escolha mas ainda estou a investigar algumas vias de prosseguimento de estudos e/ou profissões/empregos para ter a certeza que escolherei aquela que é mais adequada.

31. Neste momento só me preocupo com os estudos porque a minha vida profissional vai depender muito das minhas amizades e conhecimentos.

32. A escola influenciou-me na decisão da minha futura profissão/emprego e agora sei aquilo que irei fazer.

33. A escola ajudou-me a identificar as minhas capacidades mas agora estou a analisar várias vias de prosseguimento de estudos e/ou profissões/empregos para decidir em qual delas poderei realizar-me.

34. Mantenho-me em aberto relativamente à escolha ao nível do prosseguimento de estudos e da

profissão/emprego enquanto estou na Universidade porque não me quero comprometer antes de saber o que vou seguir.

35. A minha experiência académica acabou por confirmar a escolha profissional que fiz quando era criança.

Dellas Identity Status Inventory Occupation: DISI – O

Folha de Respostas

Código: _____ Data: __/__/____

Responda às afirmações de acordo com a seguinte escala:

- A – Totalmente de acordo comigo
- B – De acordo comigo
- C – Nem de acordo nem em desacordo comigo
- D – Em desacordo comigo
- E – Totalmente em desacordo comigo

1	A	B	C	D	E
2	A	B	C	D	E
3	A	B	C	D	E
4	A	B	C	D	E
5	A	B	C	D	E
6	A	B	C	D	E
7	A	B	C	D	E
8	A	B	C	D	E
9	A	B	C	D	E
10	A	B	C	D	E
11	A	B	C	D	E
12	A	B	C	D	E
13	A	B	C	D	E
14	A	B	C	D	E
15	A	B	C	D	E
16	A	B	C	D	E
17	A	B	C	D	E
18	A	B	C	D	E
19	A	B	C	D	E
20	A	B	C	D	E
21	A	B	C	D	E
22	A	B	C	D	E
23	A	B	C	D	E
24	A	B	C	D	E
25	A	B	C	D	E
26	A	B	C	D	E
27	A	B	C	D	E
28	A	B	C	D	E
29	A	B	C	D	E
30	A	B	C	D	E
31	A	B	C	D	E
32	A	B	C	D	E
33	A	B	C	D	E
34	A	B	C	D	E
35	A	B	C	D	E